

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Daniela Filipa Ruas Leal

**As saídas de estudo na aprendizagem da
Geografia e da História**

Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino
Básico e Ensino Secundário

Porto, 2010

Relatório Final para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de
História e Geografia.

Resumo

O presente relatório tem o intuito de tentar mostrar a importância que as saídas de estudo podem ter no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Para além desta temática central, podemos encontrar capítulos exclusivamente dedicados à diferenciação entre os termos “ saída de estudo”, “visitas de estudo” e” trabalho de campo”, sempre com a preocupação de tentar mostrar a diversidade de actividades por que se podem optar ao longo de um ano lectivo; e, sobretudo, as diferenças que nelas existem, para evitar a confusão da aplicação do mesmo termo para estratégias distintas.

Este trabalho é apoiado por uma parte empírica que foi realizada ao longo do ano lectivo 2009/2010 e que se baseia numa saída de estudo realizada a uma turma do Curso Profissional de Técnicos de Turismo do 11º ano, da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves. Para acrescentar mais ao interesse nesta saída, e para além de comprovar a sua importância e o quanto é significativa para os discentes, teve também o intuito de proporcionar novas estratégias, para alunos que, na sua maioria, apresentam um percurso de insucesso escolar e de desinteresse recorrente em relação às actividades lectivas.

Concluí-se, através deste trabalho, a enorme importância da realização deste tipo de actividades, que têm de ter por trás uma boa planificação, reconhecendo no entanto a existência de muitos obstáculos, burocráticos e/ou logísticos, que muitas vezes limitam a sua elaboração e a sua concretização.

Palavras Chave: Saída de estudo; Visita de estudo, Trabalho de campo; História; Geografia

Summary

The express aim of this present written report is to show the importance that school trips may have in the learning process of a student. We have many authors willing to explain the difference between the expressions school trips, school outings and field days, to avoid misunderstandings and at the same time to show the diversity of activities that teachers can be engaged in throughout the school year, according to their teaching purposes.

This essay is supported by an empirical part which was done during the school year 2009/2010 with a Professional Course of Tourism Technicians of the 11th year from the Secondary School Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves. This school trip showed not only how important this type of activities can be for students, especially for students who don't do well at school, who are not motivated to learn (something which happened particularly with this class) but also allowed them to engage in new strategies/ activities .

We can conclude that these activities are extremely important for the learning process of students. Furthermore it shows that teachers should prepare things carefully having in mind all the obstacles they may have to face in the accomplishment of their objectives so that they can ensure the success of the proposed activities

Key Words: school trip; School outing; Field day; History; Geography

Agradecimentos

Agradeço aos seguintes docentes que por motivos diversos tornaram possível este trabalho: Prof^a Doutora Maria Felisbela Martins, Prof. Doutor Luís Alberto Marques Alves, Prof^a. Maria Albertina Viana, Prof^a. Isabel Ribeiro. Agradeço também aos alunos que participaram no estudo.

Índice

Introdução	7
Capítulo I – Da necessidade à realidade profissional.....	9
Capítulo II- Legalidade, Terminologia e concepção.....	12
- Enquadramento Legal	12
- Ambiguidade Linguística	13
- Concepção e estruturação	14
Capítulo III – Vantagens didáticas das saídas de estudo	19
1. Vantagens da realização das saídas de estudo	19
2. Condicionismos à concretização das saídas de estudo.....	25
Capítulo IV- Análise da prática de uma saída de estudo	26
1. Amostra Experimental	26
2. Planificação	27
3. Metodologia Aplicada	29
4. Análise dos Resultados	31
5. Caracterização do clima pedagógico	38
Conclusão	39
Bibliografia	42
Anexos	44
- Guião da Saída de estudo	45
- Correção do Guião da saída de estudo	55
- Plano da saída de estudo	64
- Grelhas de avaliação	69
- Autorização da saída de estudo	77

Introdução

Neste trabalho pretendemos dar a conhecer o que são as saídas de estudo e a sua importância na aprendizagem do aluno. A nossa intenção é perceber até que ponto existem benefícios na utilização desta estratégia para os discentes. A opção pela saída de estudo e não por outras actividades, deve-se ao facto de termos leccionado as disciplinas de Geografia e de História, nas quais é uma estratégia usualmente utilizada, embora com um carácter mais geográfico do que histórico, como é explicado nos capítulos seguintes.

O primeiro capítulo foi destinado à problemática deste trabalho, que se faz acompanhar pelas hipóteses que pretendemos que sejam corroboradas no final deste relatório, bem como os seus objectivos. Relativamente, às hipóteses, a segunda e terceira foram surgindo ao longo do estágio, através de situações que nos fizeram reflectir para esta temática. A primeira hipótese colocada é muito directa e objectiva em relação ao problema em estudo. Seguidamente, achamos necessário fazer um enquadramento legal sobre as saídas de estudo, para tentarmos perceber qual a posição e a importância dada a esta actividade pelo Ministério da Educação. Contudo, e devido ao nosso trabalho empírico ser relacionado com uma turma de Curso Profissional, a legislação é muito mais específica e beneficiadora da utilização das saídas de estudo, o que não acontece no ensino corrente. Devido à problemática da utilização de diversos termos que poderiam ser utilizados para designar a mesma actividade, tivemos a necessidade de fazer a distinção entre o que são saídas de estudo e visitas de estudo.

Posteriormente, iniciamos o terceiro capítulo por fazer também a distinção com o conceito de trabalho de campo porque achamos que conjuntamente com as visitas de estudo, são os termos que vulgarmente podem ser utilizados para a mesma actividade, embora se distingam de uma saída de estudo. Quisemos fazer essa referência, no entanto não nos quisemos alongar nestas temáticas porque estaríamos a afastar do nosso problema central.

No capítulo seguinte tentamos mostrar quais são as vantagens da realização de uma saída de estudo. Na verdade, elas são muitas e de diversas espécies, tanto ao nível didáctico, pedagógico, interpessoal e científico. No entanto podemos constatar as limitações existentes à sua elaboração, condicionamentos esses que, em grande parte, não têm nada a ver com a componente de ensinar, ou seja, constituem-se problemas burocráticos e logísticos que ultrapassam a função pedagógico-didáctica de um docente. Por incrível que pareça condicionam

muito o trabalho de um professor, não permitindo muita liberdade e criatividade para o surgimento de ideias novas. Como vai ser possível perceber, na grande maioria, a não realização destas actividades deve-se somente a esse facto.

De seguida, passaremos ao nosso trabalho empírico e à apresentação de todos os intervenientes na saída de estudo. Esta actividade decorreu no dia doze de Maio de 2010 sobre a orientação das disciplinas de Geografia e da História da Cultura e das Artes que tinham como propósito um percurso de autocarro por diversas áreas da cidade do Porto (Cais de Gaia, Ribeira, Bairro do Aleixo e da Pasteleira, Foz, Parque da Cidade e zona industrial) e por fim a visita a duas exposições no Museu de Serralves. Ao longo desta saída os alunos foram sempre avaliados desde que saíram da escola até à sua chegada através de grelhas de comportamento e participação (que se encontram em anexo), bem como através dos guiões da saída de estudo referentes a conteúdos geográficos e históricos. É com base nesta actividade levada a cabo pelos estudantes que podemos apresentar os resultados referentes à saída de estudo.

Posteriormente, serão apresentadas as conclusões retiradas dos resultados obtidos, como também da experiência vivida durante a saída de estudo demonstrando as atitudes e comentários dos respectivos alunos. Para finalizar serão abordadas as questões relacionadas com as hipóteses que, inicialmente, tínhamos lançado para verificar a sua veracidade ou não perante os factos apresentados. É sobre tudo isto que foi explicitado ao longo destas linhas que se debruça este relatório final.

Capítulo I – Da necessidade à realidade profissional

Ao iniciarmos a nossa prática profissional foi-nos proposto a realização de um relatório final que fosse a súmula dessa experiência. Inicialmente, o que sabíamos é que queríamos que ele incidisse sobre algo que tivesse um carácter mais prático do que teórico, mas sustentado nos fundamentos teóricos. A nossa opção pelo tema só surgiu dois meses após o início da nossa prática docente e tratava-se de perceber a importância das saídas de estudo no processo ensino aprendizagem na disciplina de Geografia e de História. Esta escolha deveu-se a três factores: o primeiro, porque tem tudo a ver com a nossa personalidade e maneira de ser; o segundo, pela falta da realização destas actividades nas escolas; o terceiro, pelo modo como essas actividades expressam a nossa forma de ver o ensino. Entendemos que seria mais produtiva a conjugação de várias estratégias em vez da centralidade exclusiva na prática pedagógica tradicional.

Após algumas leituras e depois de ter contacto com vários termos como visitas de estudo, saídas de estudo, trabalho de campo e excursões, optamos pelas saídas de estudo. Esta opção deve-se ao facto de querer realizar uma saída de estudo e não uma visita de lazer ou distração – e que esta prática pedagógica englobasse a aprendizagem, o conhecimento e a avaliação. Sabendo à partida a existência de diferenças notórias entre a saída de estudo e os restantes termos que são utilizados para este tipo de actividade ou estratégia pedagógica didáctica, o nosso intuito era tentar mostrar aos alunos que, ao estarem em contacto com um determinado objecto de estudo (que pode ou não ter sido já abordado na sala de aula) eles próprios têm a possibilidade de poderem chegar sozinhos à sua descoberta ou, pelo menos, chegar a um maior conhecimento daquele. Esta prática pode, no nosso entender, permitir que os alunos coloquem as suas dúvidas, os seus problemas e, muitas vezes, irem mais além do que seria esperado. Trata-se de uma estratégia muito produtiva para o aluno, porque permite ultrapassar uma situação de aprendizagem mais abstracta levando-o à realidade *in loco*. Sempre achamos, mesmo antes de iniciarmos a profissionalização, que este tipo de estratégias traria, aos alunos, muitas mais vantagens do que desvantagens. Contudo sabíamos que a forma como são planeadas nem sempre tomando as melhores opções, dando origem a uma deturpação do que na realidade se trata uma saída de estudo.

Ao elaborarmos este trabalho, tivemos como ponto de partida as seguintes hipóteses para as quais procuramos obter respostas no final.

1ª Hipótese: Será que as saídas de estudo ao serviço do ensino da História e da Geografia agilizam o processo de ensino aprendizagem? Esta hipótese surge como o centro de todo este trabalho e no qual pretendemos perceber se de facto é importante a realização das saídas de estudo e qual o seu papel no processo de aprendizagem dos alunos.

2ª Hipótese: A utilização das saídas de estudo pode ser vantajosa para a gestão do currículo? Esta hipótese só surgiu na parte final do estágio, mais concretamente, quando leccionamos em História. Com um programa tão extenso e poucos blocos semanais, é importante haver uma gestão cuidada do currículo e, mesmo assim, entendemos que não seria fácil. Por essa razão, e ao pensarmos neste trabalho, percebemos que se pode dar uma unidade didáctica numa saída de estudo. Para tal, também percebemos que isso só seria possível através de uma grande organização e planificação da mesma. E já que falamos de História podemos dar um exemplo: podemos abordar as temática das Invasões Francesas e das Revoluções Liberais levando os estudantes aos locais mais significativos dessa época em Portugal e claro que o norte do país é muito representativo e ilustrativo desses acontecimentos.

3ª Hipótese: Serão as saídas de estudo a estratégia mais adequada, para alunos com pouco sucesso escolar? Quando escolhemos a turma do Curso Profissional de Turismo para este projecto, o primeiro obstáculo que tínhamos, à partida, era a sua constituição. Ou seja, não se trata de um conjunto de alunos com um perfil dito “normal”. Tratava-se de uma turma do Curso Profissional, com alunos oriundos (na sua maioria) de classes desfavorecidas e que se defrontavam mesmo com vários problemas sociais, tornando-se complicado gerir as suas personalidades na sala de aula. Por isso, ao pensar numa saída de estudo o grau de dificuldade iria aumentar, uma vez que não estão habituados a uma actividade com a especificidade da que iria realizar-se. Ou seja, são estudantes que consideram que as saídas de estudo são puro divertimento e lazer. Por estas razões, as nossas expectativas não eram muitas. Contudo, confessamos que estávamos muito ansiosos para ver como ia decorrer ao nível dos conteúdos temáticos. Seria o momento para perceber se os alunos teriam assimilado os conhecimentos e se conseguiriam colocá-los à prova (embora de uma forma muito básica, dadas as suas lacunas de formação ao nível dos conteúdos a serem testados).

Todo o trabalho foi desenvolvido em torno destas hipóteses. Antes de iniciarmos a elaboração e mais concretamente a pequena investigação, e tendo somente como base de reflexão as leituras iniciais, podemos afirmar que este trabalho veio corroborar estas hipóteses. Porém só no final é que explicitaremos as nossas conclusões. Os nossos grandes objectivos são

tentar mostrar que através de uma boa planificação de saída de estudo podemos captar a atenção dos alunos e, mais importante ainda, é que eles consigam compreender de uma forma mais directa -rápida e autónoma, os conhecimentos pretendidos.

Capítulo II – Legalidade, terminologia e concepção

1. Enquadramento Legal

Ao nível da legislação, é muito claro que as visitas de estudo fazem parte integral dos programas de História e de Geografia. No entanto, elas são mais notórias nas orientações curriculares de Geografia, que referem as visitas de estudo como uma das possíveis experiências educativas que os docentes podem adoptar como estratégia de aprendizagem. Ao longo de ambos os programas (Orientações curriculares de Geografia e Programa Nacional de História), as visitas de estudo são propostas estimuladoras para o melhor funcionamento da aprendizagem dos alunos, dando indicações precisas de quando devem ser usadas, o porquê e o como. Claro está que existem conteúdos temáticos mais propícios do que outros - por isso ser tão fundamental a leitura do mesmos.

A saída de estudo analisada neste relatório refere-se a um Curso Profissional. Por tal razão, é essencial ter acesso ao programa específico de Geografia e História da Cultura e das Artes destes cursos profissionais, neste caso de Técnicos de Turismo.

A disciplina de Geografia insere-se na componente de formação científica dos cursos profissionais que visam, nomeadamente, saídas profissionais nas áreas do Turismo e dos sistemas de informação geográfica e destina-se a proporcionar aos jovens aprendizagens científicas de base que correspondam às exigências de uma formação de nível secundário e de uma qualificação profissional de nível 3. No âmbito das saídas profissionais visadas e porque se considera que conhecer o território português é condição fundamental para desenvolver nos alunos a capacidade de intervenção como cidadão atento e interveniente, possibilitando-lhes atingir o perfil terminal definido, considerou-se indispensável ser Portugal o objecto de estudo central. No âmbito da disciplina de História da Cultura e das Artes cerca de 19% da avaliação global é distribuída pela avaliação sumativa, pelas visitas de estudo ou qualquer actividade realizada fora do espaço sala de aula. O professor chega mesmo a fazer referência que a escola deve possuir uma verba disponível para que se possam realizar actividades fora da sala de aula e que se dê ênfase ao conhecimento do património histórico de Portugal.

Ainda em relação ao programa componente de formação científica da disciplina em Geografia, fazem também referência ao trabalho de campo que será abordado muito por leve neste relatório. O trabalho de campo é uma metodologia de trabalho que permite aos alunos desenvolver competências essenciais da Geografia, nomeadamente as relacionadas com a observação directa das paisagens, que estimula a curiosidade geográfica e que serve de ponto de partida, muitas vezes, para estudos mais aprofundados que englobem o método investigativo e a resolução de problemas. Outra questão muito pertinente ao nível da legislação, é o facto de usarem terminologia diferente, ou seja, ao nível da legislação e orientações curriculares, o termo utilizado é saídas de estudo. Contudo o termo mais usado nas escolas é de visitas de estudo.

2. Ambiguidade Linguística

Como referimos anteriormente, o primeiro problema que se coloca é ao nível da língua portuguesa, ou seja, nos dois termos que se usa: saída de estudo ou visita de estudo. Para quem trabalha diariamente numa escola, habitua-se a ouvir o termo visita e não saída. E a verdade é que mesmo nas orientações curriculares de Geografia e no programa de História, é o primeiro termo que existe. Porém, na prática docente da disciplina de Geografia, o termo mais utilizado é saída de estudo. Logo existe alguma diferença terminológica. Por essa razão, a minha primeira pesquisa foi feita no dicionário de Língua Portuguesa, para entender em que são opostos. Entre muitos significados, a saída de estudo é vista como um recurso. Neste caso, associo o recurso a algo que o professor tem ao seu dispor no ensino de aprendizagem do aluno. É algo que vai ajudar, inculcar, enriquecer o conhecimento do aluno e até mesmo a sua curiosidade, se tivermos a falar da saída de estudo.

*Saída s.f 1. Acto ou efeito de sair. 2. Venda, exportação 3. Lugar para onde se vai
4. Expediente, recurso. In dicionário da Língua Portuguesa.*

Apesar disto, a saída de estudo tem características e regras específicas que mais à frente serão mencionadas, as quais não se adaptam à visita de estudo. Isto não significa que as visitas de estudo não as tenha e não sejam realizadas seriamente. Contudo, assiste-se mais a visitas de estudo com um carácter predominante de lazer e não tendo momentos específicos de avaliação.

Já nas saídas de estudo, isto não se pode verificar, já que a avaliação é fundamental na sua concretização. Essa envolvência pedagógico-didáctica reflecte-se na sua fundamental importância na aprendizagem do aluno.

A Língua Portuguesa, quanto ao termo visita de estudo é muito claro, e não foge muito do significado vulgarmente utilizado por todos nós.

Visita s.f 1. Acto ou efeito de visitar, de ir ver alguém por cortesia, afeição ou dever. 2. Pessoa que visita. 3. Inspeção.PL. Cumprimentos, lembranças.

Em Geografia esta é uma questão muito frequente e de grande importância porque em todos os documentos e livros a que tivemos acesso de carácter geográfico é sempre utilizado o termo saída de estudo. Já no caso da História, esse problema não se coloca com tanta pertinência, porque o mais frequente é a presença em livros e documentos históricos do termo visita de estudo.

3. Concepção e estruturação

As saídas de estudo são vistas como uma estratégia mais, a ser utilizada pelo docente no processo ensino-aprendizagem do aluno. Contudo, deve-se destacar a sua valorização se for acompanhada por uma correcta planificação. Aquilo a que se tem assistido, ultimamente, nas escolas, é a falta de planificação e regras aquando da utilização das saídas de estudo, fazendo-as de forma indevida e por diversas vezes sem nenhuma componente pedagógica nem didáctica para o aluno. Primeiramente, as saídas de estudo têm que ser encaradas pelos docentes como mais um recurso a ser utilizado, sendo que estas podem mesmo ser dentro do recinto da escola, mas têm que reflectir uma componente científica. Os docentes não as podem encarar como mera forma dos alunos ganharem alguma cultura geral e, ainda bem pior, ser vista como uma visita de lazer.

O conhecimento científico mostra-se muitas vezes como algo muito abstracto, sendo muito difícil de se exprimir e assimilar dentro de uma sala de aula. Com as saídas de estudo, pretende-se que as palavras *mortas* que são transmitidas pelos professores, na sala de aula, se transformem em experiências vivas para os alunos. Contudo, coloca-se uma questão: com o aumento da expressividade, essas palavras *mortas* não passariam a ter significado? Nós consideramos que isso pode não ser o suficiente para a compreensão do aluno. Isto é, pode

entender a palavra/conteúdo mas não a conseguir enquadrar no seu contexto científico. Na maioria dos casos até são experiências do quotidiano do aluno; mas devido ao carácter científico das palavras, deixam de ser compreendidas e, sobretudo, assumem pouco significado. Colocar o aluno em contacto com o meio natural, dando-lhe a liberdade de ser o próprio a construir o seu conhecimento e a chegar a causas de determinados fenómenos que ocorrem e que seria muito difícil a sua apreciação através de mapas ou de documentos descritivos, e muito mais construtivos. Não é só na parte científica que o aluno enriquece, mas também a nível pessoal, potencializando os seus valores e atitudes que podem ser demonstrados no seu sentido de responsabilidade, solidariedade ou espontaneidade, quer com o professor quer com os colegas, aumentando assim o seu saber cultural e criando laços com o mundo que o rodeia (construção da cidadania). Ao mesmo tempo, o contacto dos alunos com formas singulares e distintas que podem ser perceptíveis nos manuais. Exemplos disso são as formas de relevo. Torna-se muito mais fácil a assimilação desses conteúdos ” *in loco* do que através de fotografias ou mapas existentes nos manuais escolares (ou mesmo projectados pelos professores).

Tudo que mencionamos até ao momento, são factores que podem melhorar a relação professor-aluno, estabelecendo um melhor clima inter pessoal.

Devido à forma como é planificada e ao modo como se respeitam as normas que têm que ser seguidas, muitas vezes as saídas de estudo podem ser confundidas com outro tipo de actividades. Como já referi anteriormente, é muito mais frequentemente a utilização do termo visita de estudo do que saída de estudo. No entanto, também existe quem confunda as saídas de estudo com o trabalho de campo. Na realidade, são distintas, embora existam pontos em comum: ambas pretendem desenvolver nos indivíduos as destrezas espaciais que são fundamentais no ensino da Geografia e uma competência indissociável do desenvolvimento do indivíduo (FERREIRA: 1996, 20). Pensamos que este seja o aspecto mais comum à saída de estudo e ao trabalho de campo. O que mais os afasta é o facto de o trabalho de campo ser visto para alguns como um *providenciar aos alunos de uma destreza, “uma ferramenta”* (WESTON: 1997, 9, citado por Ferreira: 1996, 24) e que os seus objectivos devem variar consoante a idade dos alunos. Contudo, pode dizer-se que consiste na observação, registo e interpretação dos factos observados (FERREIRA: 1996, 20 e 21). O trabalho de campo requer muito mais trabalho no antes como depois, para que seja considerado uma actividade válida. Após a sua realização, é necessário que haja espaço e tempo para a análise e a interpretação dos dados recolhidos para posteriormente formularem as conclusões acerca do objecto em estudo. Quanto à sua

planificação, esta também é muito directa e específica, tendo o professor, de uma forma muito rigorosa, de preparar todo o material que vai ser utilizado, passando por itinerários, quadros de registos, perfis, questionários, esboços, entre outros.

Porém, ao longo dos anos, o trabalho de campo tem sofrido algumas alterações na sua estrutura, havendo quem o divida: em trabalho de campo e trabalho de campo mais do de tipo didáctico. Os alunos só descobrem aquilo que os seus professores já sabem, não sendo trabalho de investigação. Actualmente, o trabalho de campo é feito, por exemplo, às montanhas ou fábricas no período de férias, ou aquando de alguma festividade. Contudo, este pode realizar-se em qualquer sítio, paisagem rural ou urbana, estando até bem perto da escola (BAILEY, 1987, 161). Quando se trata de um trabalho de campo de tipo investigativo, os alunos têm a oportunidade de comprovar a validade de determinadas hipóteses que foram colocadas de antemão e compararem os modelos teóricos com a mesma realidade. Ainda relativamente a este aspecto, encontramos uma grande diferença entre as saídas de estudo e o trabalho de campo, porque a primeira não pretende ter um carácter de investigação tão acentuado, como a segunda. Também, ao nível da duração, entende-se que o trabalho de campo seja realizado por um tempo mais alargado do que as saídas de estudo. O exemplo disso é, no caso da História utilizar a arqueologia mais concretamente as escavações. Contudo, também podem existir saídas de estudo com uma duração mais alargada, dependendo dos objectivos previamente estabelecidos. O trabalho de campo oferece mais autonomia ao estudante, sendo que esta também pode ser conseguida através de uma saída de estudo, ou seja, dependendo do método de avaliação a ser utilizado pelo professor. No decorrer da saída de estudo, poderá haver momentos em que o trabalho que será avaliado pelo professor tem um carácter de trabalho de campo. Devido à sua complexidade, raramente são realizadas pelos professores.

Retomando o tema inicial, as saídas de estudo distinguem-se das outras actividades pela sua especificidade, isto é, terão que ser sempre constituídas por um guião que deverá ser entregue aos alunos no início. É a partir deste guião que serão avaliados. Por esta razão, o docente terá que escolher previamente se a saída de estudo se insere no início ou final de unidade temática, para que os conceitos avaliados coincidam. Se acontecer no início de unidade temática, os alunos vão apreender e perceber conceitos que serão, posteriormente, trabalhados na sala de aula; se acontecer no final terá um papel de consolidação dos conhecimentos já adquiridos na aula. Por essa razão, os alunos terão que elaborar um relatório da saída de estudo

ou um teste de avaliação. Se for o caso de relatório esse terá que ser apresentando oralmente na sala de aula.

Os guiões são peça fundamental, porque é através deles que os alunos serão avaliados. Fará parte dele o mais diverso tipo de perguntas relacionadas com os conteúdos que serão avaliados. Por essa razão, é fundamental que o docente tenha feito uma saída prévia aos locais que serão visitados pelos estudantes ou deles tenha um conhecimento significativo. Torna-se também muito importante que o docente não deixe a saída de estudo totalmente dependente de funcionários das instituições, se for o caso; como também, não pode ter só a função de mero transmissor de conhecimentos. O aluno deverá ser orientado pelo professor na elaboração do seu guião; e, se for o caso, seguir atentamente as indicações dos responsáveis das instituições que estão a ser visitadas. Para além das perguntas, também deve fazer parte momentos de lazer e descontração para os alunos. É necessário que percebam que existem momentos em que estão a ser avaliados e, por outro lado, momentos para conviver com os colegas e professores de forma mais informal. Para que todos estes momentos sejam vividos de forma mais correcta, é necessário estabelecer e redigir as normas de comportamento para os alunos. Cada aluno receberá um exemplar com as normas pré-estabelecidas, assim como a indicação do material científico (ou de apoio) que cada um tem que levar e fazê-lo antecipadamente.

A preparação que é realizada para a saída de estudo contribui muito para o sucesso da mesma. O professor ao estabelecer a realização de uma saída, tem que ter o cuidado de definir os temas / conceitos que vai abordar quer antes, quer durante, quer depois da sua realização. Ou seja, deve dar os conceitos base para que resulte melhor a apreensão de conhecimentos, embora deixe que sejam os alunos a descobrirem tudo o resto. Aquando da preparação científica, o docente deve contemplar uma fase de preparação, a realização propriamente dita, a exploração na aula e a aplicação do aprendido. A primeira fase consiste em motivar os alunos para o problema central, fazendo com que esse coloque as primeiras questões de maneira informal. Posteriormente e no caso de um número elevado de alunos por turma, o mais desejável é dividi-los por grupos, sendo que em cada um deles deve ficar com alunos que possuem um nível de desempenho diferenciado. Aí, pretende-se que cada grupo defina as hipóteses que devem ser comprovadas na saída, como também o material que será necessário. A fase seguinte é a saída propriamente dita, na qual os estudantes terão que recolher toda a informação que considerarem mais adequada e pertinente para a verificação das hipóteses que lançaram inicialmente. Após a realização da saída de estudo, os alunos terão que tratar a informação obtida através de quadros,

gráficos, mapas, entre outros recursos e materiais, na sala de aula. De seguida, cada grupo terá que fazer a sua exposição geral dos resultados perante a turma, com o objectivo de obter conclusões gerais. A última fase, e não menos importante do que as outras, trata-se da avaliação, isto é, os alunos serão avaliados sobre a forma como trataram os assuntos abordados. A avaliação pode ser diversa: desde os guiões da saída até testes de avaliação. Nesta, pretende-se que já sejam capazes de emitir um juízo pessoal relativamente aos assuntos/ temas referidos na saída de estudo.

O sucesso das saídas de estudo não depende somente da boa planificação, mas também da forma como os alunos a encaram. Se os estudantes encararam as saídas de estudo apenas como um espaço privilegiado de relações mais próximas com o professor e os colegas, e não lhes reconhecem qualquer utilidade do ponto de vista de aprendizagem cognitiva com efeitos na sua motivação pela disciplina em causa, acabam por evidenciar vários comportamentos marginais durante as saídas de estudo, reveladoras em parte da sua concepção acerca da utilidade desta actividade (Almeida: 1998, 55). A comunicação utilizada também torna-se fundamental numa melhor assimilação de conhecimentos. Pretende-se uma linguagem familiar e o vocabulário do quotidiano pode ser importante para captar a atenção e estimular a participação de todos. Contudo, o conteúdo científico é imprescindível. Nestes momentos, os alunos sentem-se mais próximos dos professores e estreitam-se os laços de relacionamento que são importantíssimos no processo de aprendizagem dos mesmos. Os estudantes, ao estarem em contacto com o meio ambiente, apreendem de forma mais rápida a linguagem científica. Em certas alturas, o próprio professor até pode substituir a linguagem científica pela familiar, numa primeira fase, para que seja de melhor compreensão para os alunos. Numa segunda fase, o próprio aluno depois de compreender o docente, articula a linguagem familiar com a científica de uma forma educativa e lúdica. Talvez por essa razão, se torne mais fácil captar a atenção dos alunos e levá-los a compreender melhor os conteúdos científicos.

Capítulo III – Vantagens didácticas das saídas de estudo

1. Vantagens da realização das saídas de estudo

Cada vez mais se verifica um grande desalento (insatisfação) dos alunos em relação à escola. A vontade já não é o que era, e a motivação muitas vezes não é a suficiente para os “agarrar” à aula. Vivemos numa sociedade onde a juventude está, cada vez mais, desligada da escola e dos seus deveres como cidadãos. E não nos podemos esquecer que a escola tem um papel fundamental para a educação e aquisição de valores e de cidadania por parte dos jovens. Porém, actualmente, essa é uma tarefa quase impossível. Os alunos não conseguem comportar-se devidamente dentro de uma sala de aula, o que torna tudo muito complicado. Com esta perspectiva, pretende-se uma nova dinâmica nas aulas, tornando-as mais criativas e motivadoras para os alunos. Porém, mesmo assim, as actividades começam a esgotarem-se e, por vezes a perderem a importância para os estudantes. Surge então, cada vez mais, a necessidade de algo de novo que venha dar um novo ar e que superem as expectativas dos discentes. As saídas de estudo são um excelente exemplo disso. Contudo, poucos são aqueles que o fazem. Isso deve-se somente a uma razão: ao excessivo trabalho que implica a sua preparação. Uma planificação requer muito tempo, trabalho e pesquisa. Não pode existir facilitismo, ao nível da avaliação, que tem que ser obrigatoriamente rigorosa e cuidada. Não pode existir uma avaliação com a componente predominantemente explícita para o aluno. Este através das ferramentas dada pelo professor na sala de aula tem que conseguir construir o seu conhecimento, dentro ou fora da sala de aula, desenvolvendo assim as competências pretendidas. Uma saída de estudo não perde o seu valor por ser uma actividade fora da sala de aula, pelo contrário, nela os alunos para além de desenvolver competências, manifestam atitudes e valores, que se pretendem que sejam positivos, para com os colegas e professores. Conjuguar todos estes factores numa saída de estudo para alunos de uma turma que em média tem vinte e nove alunos é muito complicado. Logo, desistir da ideia é muito mais fácil e optar pelas aulas tradicionais poupa mais tempo.

O que se esquecem é que para os alunos a transmissão dos conhecimentos tem que ser feita de forma mais familiar. As saídas de estudo mostram, muitas vezes, a utilidade do saber científico através de uma aprendizagem significativa. Torna-se tudo mais natural e fácil para os alunos algo que lhes diz alguma coisa. Dando o conhecimento científico através do exemplo do quotidiano torna a aprendizagem mais próxima e acessível. Nas saídas, os discentes estão em

contacto com o que estão a estudar e uma imagem vale mais que mil palavras. Muitas vezes, o docente necessita de mais tempo para abordar as formações geológicas e mesmo assim não tem 100% de certeza que todos os alunos o perceberam. Ao fazê-lo em contacto com essas transformações geológicas (aprendizagem por descoberta), os alunos conseguem assimilar facilmente o conhecimento científico e quase de certeza que não o vão esquecer, porque é algo que os marca, chama a atenção, torna-se significativo. Ao colocarmos o alunos perante o objecto de estudo podemos com que o aluno tenha uma aprendizagem por descoberta, porque aquilo que vê é algo bruto que precisa ser laminada, e por conseguinte, também pode ser uma aprendizagem significativa porque ao ser o próprio a descobrir, estar em contacto vai-lhe marcar na sua vida, a imagem daquilo episódio não vai esquecer mais. Deve-se impulsionar o aprender fazendo, contribuindo para o desenvolvimento de competências ao nível do comportamento social, aptidão para o trabalho em equipa, capacidade de iniciativa, adesão à mudança (Alves: 1998, 121).

Ao longo dos anos, a História tem perdido o interesse por parte dos alunos que a acham algo aborrecida e maçadora. Em certa medida até têm razão, pois as estratégias que são utilizadas já não se adequam aos dias de hoje, e quando falamos da Pré-História para alunos do sétimo ano de escolaridade todo esse conhecimento é completamente abstracto. Cabe ao docente dar a volta e desempenhar o seu papel na História dentro da sala de aula. Assim, sendo garante da credibilidade, nenhum aluno terá a legitimidade de questionar a utilidade da disciplina (Alves: 1998, 120). A juventude está cada vez mais perspicaz e exigente, havendo que não acredite nos professores. Logo, ao falarem de algo abstracto que já aconteceu há milhões de anos sentem-se naturalmente distantes e desmotivados. Neste sentido é muito importante que se exponha as fontes aos alunos. Mas, mesmo assim não quer dizer que vão acreditar na totalidade. As saídas de estudo demonstram uma grande vantagem sobre a sala de aula porque aquando da aquisição dos conhecimentos, os alunos estão em contacto directo com o próprio conhecimento não podendo duvidar do que lá está (mais um exemplo de aprendizagem por descoberta). Neste momento, os alunos percebem o presente através do passado. Isto acontece, porque todos acham que sabem falar sobre a História. Muitos deles usam a História como forma de ganhar notoriedade e prestígio (DUARTE: 1998, 104-105). Derivado destas atitudes, começa a surgir o descrédito dos alunos em relação à disciplina de História. É necessário haver uma promoção do ensino da História, como ficou expresso na XIX^a Conferência Permanente dos Ministros Europeus da Educação no âmbito do Conselho da Europa, realizada em Junho de 1997, na

Noruega. Um dos quatro vectores desta conferência foi tentar precisamente encontrar mecanismos para promover e incentivar o ensino da História nas escolas.

Falamos com muita frequência do trabalho em grupo, mas também pode ocorrer o trabalho autónomo onde se exprime a responsabilidade, o empenho e o rigor que é exigido a cada um. Tanto como acontece com a Geografia, na História os alunos por vezes sentem-se perdidos no conteúdo científico e na sua especificidade, necessitando de um longo caminho na sua aprendizagem. Outro grande problema é o facto de os alunos estudarem mais a nível global do que a nível nacional ou local. Existem tantas regiões portuguesas que são riquíssimas em tradições! Na grande maioria das vezes, os alunos não sabem a própria história local, nem por que aquela rua ou largo têm aquele nome. Ou simplesmente o significado da existência de monumentos ou estátuas. Tem que se dar mais valor à História Local e para isso seria muito importante as saídas de estudo para melhor a perceber. Dando um exemplo, a região norte do país é representativa das invasões francesas, mas temos quase a certeza que poucos são aqueles que o sabem. Nós mesmos, só tivemos esse conhecimento e interesse após a nossa iniciação profissional porque até aí não sabíamos o que significava a estátua que se situa na rotunda da Boavista, na cidade do Porto. Se fossem realizadas várias saídas a estes pontos alusivos da presença francesa em Portugal, seria muito mais fácil para os estudantes compreenderem e terem uma visão geral desse acontecimento. É uma vantagem que as saídas de estudo têm em relação à sala de aula.

Não existe tanta aposta na História local. Primeiro, porque muitas vezes os docentes não têm a formação académica nessa área; e em segundo porque muitas vezes a História vista à lupa, pode revelar segredos que a modifiquem. Contudo como irá causar grandes alaridos, é deixado de lado e continua-se naquilo que mais se convém (DUARTE:1998, 109). Porém, o grande problema coloca-se ao nível do tempo lectivo, e leva-nos a fazer esta pergunta: e onde é que há espaço programático para o estudo da História Local, num programa largo, com noventa minutos semanais? É muito complicado que isso aconteça desde há cerca de oito anos atrás, aquando da revisão dos programas e a nova distribuição das horas lectivas semanais.

Uma das vantagens mais significativas na realização das saídas de estudo é a possibilidade da inter e transdisciplinaridade, dando origem a uma transferibilidade de conhecimentos. Numa mesma saída de estudo podemos abarcar vários conhecimentos de diferentes áreas do saber. Assim, os alunos terão uma visão mais sistémica dos acontecimentos, sendo capazes de questionar ou corroborar a sua existência, tornando assim pertinente a sua

aprendizagem. Actualmente, é muito raro que se faça esse tipo de actividades nas escolas e, quando se fazem, são em datas muito específicas, num determinado momento da aprendizagem do aluno. Com as saídas de estudo, o processo de ensino pode ser mais alargado e conjugado com o maior número de disciplinas através de uma boa organização e planificação. Numa sala de aula isto não poderia ser possível, primeiramente porque não existe tempo e a maioria dos docentes vê-se pressionado para cumprir o programa, esquecendo-se muitas vezes que a utilização desta estratégia podia colmatar essas falhas e tempo. Depois, numa sala de aula, não se pode abarcar vários temas de disciplinas diferentes. Os alunos não têm a capacidade de comparar, conjugar e julgar conteúdos com especificidades próprias, que geralmente se tornam mais fáceis se forem observados. O ditado corrobora isto: “mais vale uma imagem do que mil palavras”. Para alguns alunos, é necessária a visualização dos conteúdos para que haja a compreensão dos mesmos. Ao juntarmos conteúdos oriundos de diversas origens, estamos a aumentar o grau de dificuldade e confusão no aluno, que tanto o pode levar a dar um salto na sua aprendizagem, como o contrário. Por essa razão, a questão da multidisciplinaridade e transdisciplinaridade tem que ser muito bem trabalhada entre docentes e, sobretudo, estar de acordo com o nível de desenvolvimento cognitivo da turma em questão. Logo, as competências que se pretendem mobilizar e os objectivos que se pretendem alcançar, terão que ser previamente discutidos e analisados com o corpo docente que vai levar a cabo esta actividade. Não pode haver um professor, por exemplo, da área das ciências que vai exigir um grau muito mais elevado do que um docente da área das humanidades. Tem que se chegar a um equilíbrio e convergência entre disciplinas.

Neste caso, pretendemos a interdisciplinaridade somente da Geografia e da História, porque consideramos que mesmo sendo disciplinas que não estão no mesmo patamar ao nível de organização, estruturação e planificação e gestão do currículo, tornam-se próximas em relação aos conteúdos e conhecimentos que transmitem. Também consideramos que a Geografia necessita da História e do seu carácter temporal e histórico, já a História necessita do contexto geográfico e espacial. É quase indissociável, numa aula, não se juntar estas duas áreas do saber. Esta foi uma perspectiva que obtivemos ao longo do estágio e quisemos, também, comprovar se isso aconteceria numa saída de estudo. Cada disciplina tem a sua especificidade, o seu cunho pessoal, visível em pequenos aspectos ou mesmos nos termos utilizados. A História, para se referir à baixa de uma cidade, utiliza o termo de “centro histórico”; já na Geografia, o termo para a mesma área é “núcleo”. Para sermos mais precisos e em relação a este trabalho, a Geografia faz uma grande distinção entre a visita de estudo e a saída de estudo, como já foi mencionado em

capítulos anteriores. No caso da História, isso não é tão nítido nem notório, o que nos levou à necessidade de consultarmos uma professora do ensino básico e um professor do ensino universitário, para nos esclarecerem essa dúvida. A verdade é que a estrutura e a preparação de uma saída de estudo em Geografia é a mesma utilizada em História, contudo o termo mais vulgarizado pela História são “visitas”.

Retomando o tema deste capítulo, que são as vantagens das saídas de estudo, e por aquilo que foi mencionado até ao momento em relação à História podemos comprovar que se pode tirar mais benefícios do que constrangimentos. Muitos aspectos que foram referidos na História encaixam perfeitamente nas vantagens das saídas de estudo em Geografia.

Consideramos que a Geografia é das poucas disciplinas que englobam conteúdos universais e transversais. A sua finalidade é estudar as relações entre os homens que vivem em sociedade e o meio em que se encontram. O programa de Geografia é talvez o mais actual, abordando temáticas tanto da área humana como da física. O ensino da Geografia deve ser o de insistir nos problemas, por vezes cruciais, que se põem aos homens para lhes permitir viver, em número crescente e da melhor maneira, num planeta, a Terra, que começa a parecer-nos muito pequena. Perante estes conteúdos, é muito normal e natural que se abusem nas saídas de estudo. Porque, mais uma vez, como já mencionei anteriormente, mas agora só numa disciplina, podem ser abordadas várias unidades didácticas, contribuindo para uma melhor gestão e integração de conhecimentos. Podem-se encontrar locais onde se conjugam conhecimentos humanos e físicos, tornando assim melhor a compreensão dos alunos. Conseguindo assim fazer as suas próprias ligações e perceber que em alguns casos é o Homem que afecta o planeta, mas que também existem fenómenos que são originados pela própria Natureza. Cabe aos alunos tirar as suas próprias conclusões e defender os seus ideais, perante aquilo que observaram e não por aquilo que escutam. Dentro de uma sala de aula, o professor pode cair no erro de só transmitir a mensagem ou o que vem nas orientações curriculares ou as mais variadas teses que, hoje em dia, aparecem nos *média*. Com as saídas de estudo, os alunos terão esse conhecimento através do contacto com a realidade.

As saídas de estudo têm que deixar de ser encaradas como momentos lúdicos e de diversão pelos alunos. Contudo, consideramos que esta visão que os alunos têm, em grande medida, é por culpa dos docentes que não transmitem o real valor e significado das saídas no processo de aprendizagem dos mesmos. Para além de ser uma estratégia muito motivadora para os alunos, é algo que vai enriquecer o jovem ao nível das competências, porque vai aprender

fazendo e não aprender, decorando para os testes. As saídas de estudo têm muito a perspectiva de preparar os alunos para a vida profissional, sendo actividades fundamentais em determinados cursos profissionais, como no curso de Técnicos de Turismo.

2. Condicionaismos à concretização das saídas de estudo

Com este trabalho, não queremos passar a mensagem que os docentes são preguiçosos ou não querem realizar as saídas de estudo. Claro que existem professores que nunca organizaram uma saída de estudo; mas isso, hoje em dia é muito raro. O que leva à pouca existência das saídas de estudo são as limitações a nível burocrático e logístico.

Primeiramente, uma saída de estudo implica a interrupção lectiva que afecta todas as disciplinas daquele dia. Com isto impede-se a leccionação normal das disciplinas; exige ainda a substituição dos professores que nela participam (o mínimo de dois por turma, que por sua vez estão a faltar a alunos de outros anos e que também tiveram o trabalho a organizar actividades para estes). Em segundo, quem paga as frequentes actividades são os alunos que, na sua maioria, não têm disponibilidade económica para participar em todas as que são propostas. Esta situação não se coloca aos alunos deste trabalho empírico, porque as suas saídas são financiadas pelo PRODEP.

Concluindo: o professor organizador e/ou participante tem as seguintes actividades: primeiro, organizar a saída (contratar empresas de transporte, tratar das autorizações para os alunos, enquadrar a actividade, definir os seus objectivos e as competências a desenvolver, preparar os documentos informativos, preparar os documentos avaliativos e posteriormente corrigi-los); segundo, organizar o material de trabalho para os alunos da turma que não vão à saída de estudo; terceiro, deixar materiais de trabalho para as turmas a que vão faltar nesse dia e que não participam na saída; quarto, organizar, quando necessário, actividades para recolher fundos para a concretização da saída (venda de bolos, flores, etc). Com estas etapas todas e tantos obstáculos que se colocam, originam a que as saídas de estudo não sejam tão frequentes quanto o desejável.

Capítulo IV – Análise da prática de uma saída de estudo

1. Amostra Experimental

Após a abordagem ao conceito de saídas de estudo e as suas vantagens para o ensino, achamos pertinente que este capítulo seja exclusivamente relacionado com o trabalho empírico. Assim sendo, pretendemos neste ponto explicar a preparação de uma saída de estudo realizada no presente ano lectivo, na escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves. De seguida, passaremos à exposição dos resultados e, por fim, às conclusões e comprovações, ou não, das hipóteses que tinham sido inicialmente colocadas.

O estudo foi implementado com uma amostra de 17 alunos (8 raparigas e 9 rapazes) de uma turma de 11º ano do Curso Profissional de Técnicos de Turismo e leccionada por duas professoras de disciplinas diferentes, uma de Geografia e outra de História da Cultura e das Artes.

Os alunos desta turma não têm as mesmas características de uma turma do ensino corrente. Trata-se de alunos oriundos de classes sociais desfavorecidas que apresentam, ainda e na sua maioria, elevado número de faltas, para além de uma taxa significativa de desinteresse escolar. Devido à falta de apoio e estrutura familiar, apresentam uma postura em sala de aula nem sempre a mais apropriada, sendo na maioria das vezes muito complicado o processo ensino-aprendizagem, tornando-se muito difícil a aquisição e cumprimento de regras. Este facto tornou-se evidente na não realização de alguns guiões da saída de estudo. Ao nível dos conhecimentos básicos, estes alunos não os possuem na grande maioria, já que tendo tido um ensino básico muito frágil e pouco consistente, levou à grande dificuldade em tratar os conteúdos que iriam ser abordados na saída de estudo de forma muito simples, básica e directa, para melhor compreensão destes estudantes.

Devido ao historial escolar destes alunos e à sua constituição temos uma turma que possui estudantes entre os dezasseis anos e os dezanove anos. Mas, sem dúvida, que o grande desafio nesta turma foi inculcar a necessidade de aprendizagem, neste caso concreto em Turismo. Por essa razão, e no âmbito da disciplina de Geografia, torna-se importante o conhecimento do nosso país a todos os níveis e, no caso da História da Cultura e das Artes, o conhecimento do nosso património histórico. Por isso, houve sempre o cuidado de ensinar aquilo que é o mais essencial para o contexto profissional de uma forma criativa, estimuladora e motivadora, sendo, para tal, a

saída de estudo uma estratégia bastante utilizada pelas professoras para estes alunos. Mas, acrescenta-se que, nestes cursos em particular, a questão monetária não se coloca: todas as saídas são gratuitas para os discentes, já que são subsidiadas pelo PRODEP.

2. Planificação

Para a elaboração e a realização da saída de estudo, foram tidos em conta vários aspectos, sendo os mais importantes os objectivos, os módulos e competências a serem trabalhadas e desenvolvidas nesta actividade em específico. O primeiro passo seria a autorização do Conselho Pedagógico para a realização desta saída de estudo. Passou-se ao preenchimento, por parte das orientadoras, dos trâmites necessários. Nesse documento, constam as competências que se pretendiam desenvolver na saída de estudo no âmbito da Geografia e da História da Cultura e das Artes que passo a citar:

“ Dotar o aluno das competências necessárias à prestação de um serviço de acolhimento em turismo, baseado no conhecimento de um espaço urbano e de um espaço cultural específico - o da cidade do Porto - implementando critérios de qualidade e de acordo com os conceitos e tendências que o desenvolvimento do fenómeno turístico implica.”

No entanto, para cada disciplina, foram propostas as competências específicas que pretendíamos desenvolver. É necessário mencionar que na parte da Geografia o módulo que seria avaliado na saída de estudo era o B.5- As áreas Urbanas, enquanto na História da Cultura das Artes o módulo base seria “ A cultura do Espaço Virtual”, embora, como é natural, tenham sido avaliados conteúdos de outros módulos anteriormente leccionados. Os alunos estariam em contacto com monumentos de outras épocas históricas que são, actualmente, muito importantes para contar a história da cidade do Porto e não nos podemos esquecer que são considerados como património nacional e mundial pela Unesco. Por essa razão, podemos afirmar que em relação à História da Cultura e das Artes o visionamento do trajecto até Serralves percorre várias épocas históricas; já dentro do museu de Serralves a avaliação foi inteiramente dedicada ao módulo 10 “ A Cultura do Espaço Virtual”.

De seguida, passaremos a mencionar as “competências” de Geografia que pensamos serem as mais pertinentes para o seu desenvolvimento nesta actividade e que fazem parte do

Programa de Geografia do Curso Profissional de Técnicos de Turismo do 11ºano. Interpretar as paisagens urbanas;

- Identificar as principais áreas funcionais de uma cidade e a sua interligação;
- Interpretar e analisar as plantas urbanas;
- Compreender os problemas da rede urbana portuguesa;
- Manifestar atitudes de respeito pelo património natural e construído.

Objectivos de aprendizagem:

- Caracterizar as áreas funcionais do espaço urbano;
- Explicar o papel das actividades terciárias na organização do espaço urbano;
- Explicar a diferenciação social das áreas residenciais;
- Explicar a degradação da qualidade de muitas áreas residenciais;
- Explicar o papel da indústria no desenvolvimento das áreas onde se implanta.

Relativamente à disciplina da História da Cultura e das Artes, tanto as competências como objectivos são muito específicos e nada têm a ver com os de Geografia. Contudo, interligam-se no intuito de incutir nos alunos a necessidade de um maior respeito pela cultura pelo seu país e pela sua preservação. Passaremos a mencionar as competências específicas de História da Cultura e das Artes:

- Compreender o objecto artístico como documento/testemunho do seu tempo histórico;
- Mobilizar os conhecimentos adquiridos na disciplina para criticar a realidade Contemporânea;
- Preservar e valorizar o património artístico e cultural;
- Evidenciar uma atitude crítica enquanto receptor de objectos artísticos.

Objectivos de aprendizagem:

- Situar cronologicamente as principais etapas da evolução humana que enquadram fenómenos culturais e artísticos específicos. (*Tempo*).
- Reconhecer o contexto geográfico dos diversos fenómenos culturais e artísticos.

(Espaço).

- Valorizar o local como cruzamento de múltiplas interações (culturais, políticas, económicas ou sociais). (*Local*).

Tanto as competências como os objectivos estão de acordo com os respectivos programas da disciplina do Curso Profissional de Turismo do 11º ano. Porém, achamos pertinente mencionar que em relação às competências não consideramos que o sejam efectivamente, ou seja, as competências que são vinculadas no programa de Geografia do curso profissional de Turismo adequam-se mais a objectivos do que a competências.

Não podemos deixar de fazer referência que foi feita previamente uma visita às exposições, por parte das docentes intervenientes, que seriam ser o foco de estudo por parte dos alunos, no Museu de Serralves.

3. Metodologia Aplicada

De acordo com a turma em questão, a metodologia adoptada visou a obtenção de resultados *in loco*, ou seja, para além de se ter a apreciação durante a saída de estudo através da participação. Sabíamos que se aplicássemos uma avaliação sumativa os resultados não seriam nada abonatórios para os visados, uma vez que estes não iriam tirar boas notas, nem posteriormente estudar. Perante isto, a opção escolhida a avaliação formativa através da elaboração de um guião de saída de estudo. Foi tida em conta para a elaboração do mesmo os objectivos e competências que pretendíamos desenvolver ao nível da Geografia e da História da Cultura e das Artes.

Perante, a panóplia de conteúdos temáticos que faziam parte do programa de Geografia e História da Cultura e das Artes do Curso Profissional de Técnicos de Turismo, teve que a ver necessária uma selecção prévia, para a sua leccionação, devido a gestão do tempo, mas sobretudo pela falta de bases do ensino básico. Por essa razão, a nossa escolha foi por conteúdos científicos de maior compreensão. Seguido essa linha pedagógica, o guião manteve a mesma estrutura, ao nível de conteúdos, que foi seguida nas aulas. A razão para tal deriva das características da própria turma. Sendo estudantes com um grande défice de conhecimentos

básicos, tornava-se quase impossível estarmos a exigir muito mais. E também porque não se adequavam com o que fora leccionado nas aulas. O Guião é composto por perguntas com resposta abertas e fechadas, sendo que em duas perguntas é solicitado que o aluno dê a sua opinião e que a justifique. Tentamos sempre que as perguntas fossem as mais directas e precisas, para que os alunos não sentissem dificuldade em responder e, por conseguinte, pedir a intervenção da professora ou de colegas. A nossa avaliação formativa seria, portanto, feita através dos resultados dos guiões e também dos relatórios da saída. Logo, os alunos seriam avaliados qualitativamente. Para tal, e para a construção das grelhas de avaliação que se encontram em anexo, optamos pela utilização de diferentes cores para avaliar o grau de desempenho dos discentes. Assim sendo, a cor verde correspondia a uma pergunta certa, a cor amarela a uma resposta incompleta; e, por fim a cor vermelha, a uma pergunta errada. Esta opção deveu-se ao facto desta saída de estudo não ter tido muito peso na avaliação final. Acrescente-se também que a actividade se realizou já na fase final da leccionação de ambas as disciplinas.

Em relação ao percurso, pretendíamos que se adequasse aos conteúdos referentes aos módulos que estavam em estudo, mas sobretudo que os locais escolhidos tivessem uma vertente pedagógica geográfica e histórica. Na verdade, a tarefa não foi muito fácil, porque os locais onde encontrávamos os conteúdos abordados pela Geografia não era da mesma época histórica dos conteúdos abordados pela disciplina de História da Cultura e das Artes. Por essa razão e por acharmos que o conhecimento não ocupa espaço, e como futuros professores de História, consideramos que é fundamental que os jovens tenham conhecimento da nossa cultura, costumes, tradições e monumentos. Em termos da Geografia, todo o percurso até ao Museu de Serralves e o regresso, contempla o módulo B.5- áreas Urbanas. Em relação à História da Cultura e das Artes, o percurso até Serralves abarca várias épocas históricas que já foram abordos em anteriores módulos, e as exposições visitadas no Museu de Serralves seriam dedicadas exclusivamente ao módulo 10- “ A Cultura do Espaço Virtual”.

4. Análise dos Resultados

Antes de iniciar a análise dos resultados, achamos pertinente fazer uma breve referência ao comportamento dos alunos. Ao iniciar esta visita de estudo, percebemos, de imediato, que para os alunos esta seria mais um “passeio”, umas horas fora da escola do que uma saída de estudo. Com esta atitude só nos confirmaram aquilo que há muito tempo tínhamos vindo a fazer referência: ou seja, os alunos não estão preparados para fazerem visitas ou saídas de estudo, e concordamos que essa ideia passa muito pelo papel do professor. Se não houver da parte do docente uma preparação, mas sobretudo explicação em que consiste essa actividade, os alunos só a vão encarar como um passeio. Os alunos não têm nenhuma ideia que as visitas de estudo servem para que estejam em contacto com aquilo que aprenderam nas aulas, e por isso seja mais fácil para eles perceberem e tirarem as suas dúvidas, servindo ainda para serem avaliados na sua postura e comunicação oral. A vulgarização das saídas ou visitas de estudo para estes alunos (com financiamento assegurado pelo PRODEP), também contribui para a relativização do seu significado – não as valorizam como os alunos do percurso dito “normal”, para os quais estas são muito menos frequentes, por vezes mesmo raras.

A reacção destes alunos à entrega dos guiões não foi nada de que não estivéssemos à espera. Inicialmente (aquando da saída da escola) ficaram muito surpresos e posteriormente começaram a resmungar de forma pouco adequada para o seu papel de alunos, dizendo que isto seria uma visita de estudo e que nem sabiam o que era uma saída de estudo. Com esta reacção não ficamos com quaisquer dúvidas que estes estudantes em particular tinham uma visão completamente errada do que são as saídas fora da escola. Perante a insatisfação e a ameaça do não cumprimento das regras, tivemos que informar os alunos que seriam avaliados pelo seu comportamento e participação durante toda a saída, mas que os guiões também seriam alvo dessa avaliação. Após a nossa intervenção e de comunicar que teriam que elaborar um relatório da saída, aí é que foi o caos. Mostraram-se muito irritados, havendo alguns alunos a dizerem que não faziam nada, mas outro aspecto que demonstra a falta de conhecimento do que são saídas de estudo, foi o facto de os alunos nem trazerem material, ou seja, nem canetas para elaborarem o guião (apesar de terem sido avisados da sua necessidade).

Em relação ao comportamento, tirando o caso de dois alunos (um porque não colaborou nem com os colegas nem com as professoras, outro porque por diversas vezes foi insolente e muito agitado, perturbando algumas intervenções das docentes) os restantes alunos tiveram a

postura correcta. A partir do momento que ocorreu o incidente no museu de Serralves, os alunos ficaram magoados e sentidos, com razão, porque se até aquele momento estavam a portar-se devidamente e foram chamados à atenção da forma mais incorrecta, agora já não valia a pena continuarem com a mesma postura. Passamos a explicar o episódio sucedido, apesar de termos tido a confirmação por parte de Serralves que teríamos visita guiada o que se passou foi que tivemos que esperar mais de um quarto de hora, sem sucesso. Até que, por insistência das orientadoras em que na recepção nos explicassem a que se devia o atraso da visita guiada, nos disseram que tinha havido confusão e que afinal não havia nenhum guia disponível para nos acompanhar. Com o tempo a passar, tivemos que passar ao plano alternativo: ou seja, a orientadora cooperante de História, que connosco, anteriormente tinha feito uma visita exploratória das exposições, fez a gentileza de improvisar o acompanhamento dos alunos. Claro que a segunda exposição tornou-se muito complicada para se explicar; e sentimos que os alunos foram prejudicados pela falta de um guia devidamente preparado. Como se isso não chegasse, ainda ocorreu outro incidente, pensamos que devido ao aspecto exterior dos alunos e não devido ao seu comportamento, uma das vigilantes do Museu teve uma atitude pouco correcta. Nem vale a pena dar muito valor, nem estar a referir ao certo o que aconteceu, porque foi lamentável e houve mesmo falta de respeito e educação por parte dela. Após este incidente, os alunos ficaram muito agitados; e pensamos mesmo que ficaram desconcentrados sendo, a partir daí, mais complicado lidar com eles.

Entrando agora na análise dos resultados, passaremos a fazer a avaliação dos guiões da parte relativa à disciplina de História da Cultura e das Artes e, posteriormente, à disciplina de Geografia. Ao longo do percurso, havia dois locais onde os alunos tinham que pôr à prova os seus conhecimentos sobre os conteúdos abordados nas aulas. O primeiro local era a Ribeira. Inicialmente pensada somente para avaliar conteúdos geográficos, contudo não podíamos deixar de parte todo o património mundial que existe no Largo do Infante D. Henrique e que conta muito a História de Portugal e da cidade do Porto. Por essa razão, e não fazendo parte do módulo 10- “A Cultura do Espaço Virtual”, aquele que seria avaliado, achamos importantíssimo dar essa informação e avaliar os conteúdos de módulos anteriores. Em relação à participação dos alunos nestes locais ficou um pouco aquém do esperado. Uma vez que até são alunos que participam na sala de aula, nem sempre da maneira mais correcta, estávamos a contar com mais participação e colaboração da sua parte. A que ocorreu foi quase sempre dos mesmos alunos que demonstraram ao longo do percurso algum conhecimento. Os restantes mantiveram-se algo distantes havendo alguns períodos críticos como na Ribeira, com muita agitação e distração

devido às turistas que lá estavam. Mesmo assim, à pergunta sobre os monumentos representados na praça do Infante, todos os alunos responderam correctamente. Já em relação à pergunta seguinte, cinco alunos ou não colocaram a época em questão, ou não identificaram o tipo de arquitectura a que se referiam as duas ilustrações. Na pergunta seguinte, onde os alunos teriam que explicar o porquê do nome “Praça do Infante”, muitos alunos erraram porque não têm bases históricas suficientes do básico e aquando da explicação notou-se muito bem que estavam mais entretidos com outros aspectos. Mas temos a certeza que se estivessem mais atentos, não errariam nesta pergunta; porque, apesar de todos os problemas pessoais e dificuldades cognitivas, são alunos muito perspicazes e de raciocínio rápido.

Centrando a análise no Museu de Serralves, mais concretamente nas duas exposições, podemos afirmar que ficamos surpreendidos. Na exposição “À Luz da Sombra”, somente quatro alunos não tiveram todas as respostas correctas, sendo que destes quatro, um deles nem chegou a responder a qualquer pergunta referente às exposições. Fazendo uma ressalva, um aluno não respondeu a metade do guião da saída de estudo, mostrando assim a sua postura e atitude perante as actividades propostas pelas estagiárias e também a sua visão do que considera serem as saídas de estudo. Na segunda exposição “ A matéria Negra da Luz dos Media”, os alunos tiveram mais dificuldades em compreender a própria exposição, muito por culpa da falta de guia que era imprescindível nestes casos. Mesmo assim, foi a exposição que os alunos mais gostaram por diversos motivos, entre eles, porque era algo actual, fazia-lhes lembrar o cinema, entre outros aspectos. Porém, quando lhes é pedido para justificar a sua escolha, as respostas ficam muito aquém do esperado. Os alunos não têm a prática de justificar nem comentar nenhum aspecto e, por essa razão, quando tal se pede, são muito sintéticos. A pergunta sobre o que tinham em comum as duas exposições foi a mais complicada de se responder, havendo respostas incompletas e, nalguns casos, nem sequer as realizaram. Não consideramos, porém, que seja uma pergunta com grau elevado de dificuldade, porque bastava olharem para o título das exposições, como estava expresso na pergunta, e ainda tinham como ajuda os placares com as imagens referentes as mesmas.

Confessamos que em relação aos conteúdos da disciplina da História da Cultura e das Artes esperávamos que os resultados não fossem tão bons porque são temas um pouco abstractos para se dar numa sala de aula e com isso envolver os alunos. Para além disso, sentíamos um maior envolvimento dos alunos nas aulas de Geografia do que nas aulas de História da Cultura e das Artes, consideramos que este facto aconteçam devido as metodologias

diferentes adoptadas pelas orientadoras. Claro que quando se vê uma exposição que retrata isso, é tudo mais fácil e via-se isso nos olhos dos alunos: havia um fascínio, uma motivação. Por isso, o ser tão importante fazer a saída de estudo, isto é, colocar os alunos em contacto directo com os objectos de arte e fazê-los perceber que aquilo é arte e porquê. E quando trabalhamos com aqueles alunos, ficamos sempre mais receosos, porque nunca se sabe o que esperar deles sobretudo quando vimos a primeira atitude deles em não querer fazer os guiões. Pensamos: durante o percurso e com as paragens, os alunos ainda vão fazendo; agora no museu, local fechado e se não gostarem das exposições como vai ser? Mas enganamo-nos e eles colaboraram muito bem e mostraram que quando querem trabalhar, o fazem plenamente.

Passando para a disciplina de Geografia, a avaliação foi feita ao longo do percurso. Na primeira paragem no Cais de Gaia, todos alunos responderam correctamente à questão solicitada. A maior dificuldade foi sentida em relação às plantas. Alguns alunos, mesmo conseguindo identificar o tipo de plantas que existem, não conseguem exprimir uma noção do que é uma planta. Somente um aluno não conseguiu identificar que a planta referente ao núcleo histórico da cidade do Porto é do tipo radioconcêntrico. Curiosamente, a pergunta à qual os alunos teriam que assinalar os dois núcleos representativos na planta presente no guião, não houve resposta. A única explicação que podemos dar para este facto é que não ficou tão explícito no nosso diálogo quais eram os diferentes núcleos históricos. Teriam que recorrer, também, ao que foi leccionada nas aulas. As perguntas relacionadas com as zonas residenciais tiveram os melhores resultados. Mais em concreto, as que faziam referência ao bairro do Aleixo e da Pasteleira, em que foram obtiveram todas as respostas certas. Estranhamente ou não, na pergunta sobre a Foz, dois alunos não responderam e oito tiveram a resposta incompleta. Qual seria a razão, uma vez que era o mesmo grau de dificuldade das outras? Isto pode provar que é muito mais fácil para os alunos responderem sobre aquilo que conhecem (faz parte do seu quotidiano), que vêem frequentemente, do que aquilo que lhes é muito distante. Pode ser uma conclusão precipitada, mas é aquela que neste momento achamos mais plausível. A Foz é quase um oásis para estes estudantes e ter que referir aquilo que caracteriza essa área residencial também o é. Por muito que imaginem como lá se vive, nunca é a mesma coisa quando se vê; porque mesmo sendo o bairro do Aleixo algo muito próximo do dia-a-dia de alguns dos alunos, quando lá passamos sentimos e ouvimos comentários que denotam que as ideias previamente formadas deste bairro não eram as mesmas da realidade que viram, ou seja, é muito pior. Até nisto ficamos surpreendidos, porque olhamos para aqueles jovens e achamos que não têm sentimentos e não têm planos para o futuro. Mas na verdade alguns têm outra visão. Somente

neste tipo de actividades podemos ouvir estes comentários e atitudes e olhar para os alunos com outros olhos.

Mudando de conteúdos como de zona geográfica e contrapondo aos resultados das áreas residenciais, já na pergunta do Parque da Cidade não houve respostas certas. Como já mencionamos anteriormente, os alunos têm muitas dificuldades em comentar algo a partir de expressões ou afirmações. A tendência que os alunos têm é colocar tudo aquilo que sabem sobre o assunto, falando de tudo menos daquilo que lhes é pedido, perdendo-se muito na resposta. Aquando da passagem pelo local, houve uma explicação do surgimento e sua importância para a cidade do Porto: e foi tudo isso que colocaram, não dando importância à afirmação que fazia parte da pergunta. O mesmo acontece na pergunta da localização, em que somente quatro alunos responderam a essa questão, sendo que três deles de forma errada - um aluno foi o único que conseguiu localizar dois dos edifícios referidos. Mais uma vez, na pergunta da Zona Industrial, aconteceu o mesmo que na pergunta do Parque da Cidade. Ao responderem, não conseguem concretizar uma ideia e, sobretudo, fundamentá-la. Contudo, também temos que ter em conta que a nível dos critérios de avaliação, nestas perguntas, eram os mais exigentes de todo o guião. Talvez, por isso os resultados não fossem os esperados. Em termos de localização, demonstram graves dificuldades. As últimas três perguntas do guião têm mais um carácter geográfico, e com isto queríamos que os alunos percebessem a necessidade da expansão da malha urbana, e com isso o surgimento de diversos tipos de infra-estruturas, que se vão alterando e melhorando ao longo dos anos, face às necessidades da população. Em relação ao significado da sigla VCI e o nome das pontes, os alunos não tiveram nenhuma dúvida; já na explicação da sua importância sabem o quanto é importante, mas têm muitas dificuldades em exprimi-lo. O que se nota muito é a falta de utilização de vocabulário geográfico ou histórico. Todas as conclusões e análise das respostas dos alunos podem ser vistas, nas grelhas de avaliação, que se encontram em anexo. Voltamos a lembrar que optamos por uma avaliação formativa qualitativa, por conseguinte as grelhas articulam-se com esse facto.

Para além da avaliação aos guiões da saída de estudo, os alunos teriam que concluir o seu trabalho elaborando um relatório que deveria ser apresentado. Mas uma vez que são de um Curso Profissional e as suas aulas teriam que terminar mais cedo para poderem ir para estágio - só tinham que o elaborar. O relatório pode ser uma das formas adoptadas para avaliar uma saída de estudo. Mas neste caso é uma norma específica dos Cursos Profissionais que seja feito como prova da sua importância para o processo de aprendizagem dos estudantes e que têm de fazer

parte do próprio dossier da turma. À partida, já sabíamos que seria muito difícil que todos os alunos o fizessem; e por essa razão decidimos que o poderiam realizar em grupo de três para ser mais motivador e menos trabalhoso para cada um. Mesmo assim, nem todos os alunos o entregaram: somente nove alunos. Pretendíamos neste relatório que os alunos mencionassem e explicassem todos os momentos da saída de estudo. Mas, mais uma vez, foram muito básicos nas palavras. De uma forma geral, quase todos os grupos fizeram uma descrição do percurso realizado, fazendo referência a alguns monumentos que visitamos. Alguns desses trabalhos como faziam-se acompanhar de algumas imagens alusivas ao que visitamos. Somente um trabalho é que consideramos como “Bom” devido à sua apresentação e qualidade de texto e imagem.

Esta aluna, no seu relatório, para além de fazer a descrição do percurso de forma correcta, faz referência a alguns monumentos, contando um pouco da sua história. Em relação ao Museu de Serralves fala sobre as duas exposições, explicando as suas temáticas e apresentando também uma pequena biografia sobre os autores das exposições. Ainda dá a sua opinião sobre estas, dizendo aquilo que mais gostou e mostrando que tudo aquilo que viu era novo para ela porque nunca tinha visto uma exposição. Só por esta observação, já valeu a pena fazer esta saída de estudo, sendo sinal que conseguimos alargar os horizontes desta aluna e incutir nela a vontade de ver e saber mais sobre esta forma de arte. Porém, só duas alunas é que fizeram também referências as exposições e suas temáticas. Temos que realçar que todos os alunos fizeram questão de dizer no seu relatório o incidente que aconteceu no Museu de Serralves.

Apesar, de não ter sido utilizado nenhum instrumento que avalia-se as reacções e comentários dos alunos (uma falha na planificação), achamos que devemos exprimir o agrado demonstrado pelos alunos durante a saída, sabendo também, que estas linhas poderão ter pouco ou nenhum significado para a conclusão, se de facto a saída de estudo foi um sucesso. Somente, temos como prova os resultados do guião e dos relatórios. Contudo, não nos vamos esquecer dos seus comentários quanto às exposições. Os alunos estavam maravilhados com aquilo que viam e apesar dos incidentes e da falta do guia que tanta falta fez, via-se a felicidade nos seus olhos. Mesmo na cara daqueles que diziam “isto não é arte nenhuma ou que conseguiam fazer melhor”, eram os mesmos alunos que passados minutos faziam comentários para os colegas, dizendo isto é “fixe”. Em relação à disciplina da História da Cultura e das Artes esta saída de estudo foi feita no final do módulo 10- “ A Cultura do Espaço Virtual” e teve o intuito de aguçar o “apetite” dos alunos para as artes contemporâneas e de alguma forma os ajudar para os trabalhos que teriam que realizar. Claro, que para alguns foi útil porque exprimia nas exposições algumas das temáticas em

estudo; para outros nem tanto. Mas, como o conhecimento não ocupa espaço, é fundamental que estes alunos tenham um “banho” de arte uma vez que são estudantes de Turismo e têm essa obrigação.

Quanto à disciplina de Geografia, esta saída de estudo estava inserida no final do módulo B.5- “As áreas urbanas”, mas uma vez que não foi possível a sua realização em tempo útil, só se realizou passado dois meses da conclusão desse módulo. Porém, mesmo com esse percalço, deu para tirar algumas conclusões sobre o que de facto os alunos aprenderam nas aulas e aquilo que lhes foi indiferente. Sem dúvida que a interpretação de plantas e a sua respectiva análise se tornou algo muito complicado; em contraponto, conseguem diferenciar muito bem as áreas funcionais de uma cidade e a sua importância. Claro que ficaram muitos conteúdos relacionados com esta temática por avaliar, mas têm que existir opções e não se podia avaliar tudo; tende a haver um equilíbrio naquilo que se pretendia, como também na junção de duas disciplinas distintas. Isto só prova que poderia haver nas escolas mais interdisciplinaridade e transferibilidade de conhecimentos.

5. Caracterização do clima pedagógico

Neste ponto, procedeu-se à caracterização do “clima” pedagógico criado entre professoras e alunos durante a saída de estudo. Na caracterização do “clima” pedagógico ocorrido, nomeadamente em termos de adesão dos alunos e actuação das professoras e dos diferentes dinamizadores.

Iniciando pelos alunos, podemos afirmar que tudo correu muito melhor do que estávamos à espera, havendo participação de grande maioria da turma. Ao nível das actividades, os alunos mostraram-se quase sempre receptivos acabando mesmo por contribuírem para o sucesso da saída de estudo. Em relação aos locais visitados, não sentimos que houvesse alguma diferença de interesse e motivação, havendo uma uniformidade em todos eles. Contudo, a única sensação menos positiva foi aquela mencionada anteriormente. Quanto às professoras, houve sempre um grande cuidado ao nível dos conteúdos e recursos de avaliação, para que se pudessem sempre adequar às características da turma. Durante a saída de estudo, as professoras tentaram, sempre que possível, fornecer as informações aos alunos. Porém, deixando sempre que fossem os alunos a responder de forma autónoma e a não serem influenciados pelos colegas. Toda a planificação foi feita de forma adequada e rigorosa, não dando margem de erro; ou seja, os alunos teriam acesso a toda informação para responderem as questões da forma mais correcta.

Ao nível da relação entre alunos e professoras, podemos concluir que houve um bom relacionamento, ainda melhor do que existia dentro da sala de aula, o que nos revelou, por vezes outras personalidades. Aliás, alguns ideias pré-formadas sobre a sua maneira de ser foram alteradas depois desta saída de estudo.

Conclusão

Fazendo uma apreciação global deste trabalho achamos muito pertinente a sua elaboração, pelo seu carácter pedagógico e didáctico. No início poderia ser considerado um trabalho com um tema banal, pouco significativo para o início de uma profissionalização, mas foi-se revelando em algo não essencial, mas preponderante no processo de aprendizagem do aluno. O nosso maior obstáculo foi o início, o enquadrarmo-nos numa saída de estudo. A nossa perspectiva de uma saída de estudo não era a mais correcta, e isto deveu-se, ao facto de ao longo do nosso percurso académico nos ter sido inculcado uma imagem diferente desta actividade. Primeiramente, não tínhamos a mínima noção do poder avaliativo que esta pode comportar, nem da sua importância no processo de aprendizagem dos estudantes. Porém, olhamos para o futuro como jovens professores cientes que temos o dever de dar mais e melhor perante aquilo que foi a nossa aprendizagem ao longo destes anos.

Para além de sentirmos que este trabalho nos enriqueceu ao nível pessoal e profissional, também consideramos que é rico na mensagem que transmite. Muito mais do que comprovar a devida importância destas actividades também nos mostra, através da nossa vivência durante a saída de estudo, o fortalecimento e enriquecimento dos laços entre professor- aluno. Este é talvez um dos pontos importantes da realização desta actividade, contudo não nos vamos alongar neste aspecto porque já o fizemos anteriormente, e vamos focalizarmo-nos no assunto principal deste trabalho.

Em relação à primeira hipótese que colocamos no início deste trabalho: Será que as saídas de estudo ao serviço do ensino da História e da Geografia agilizam o processo de ensino aprendizagem? – não temos quaisquer dúvidas deste facto. Após, a realização da saída de estudo ainda ficamos com mais certezas que estas tornam-se fundamentais e facilitadoras do processo de aprendizagem do aluno. Quando utilizamos o termo facilitador não é com o intuito de transmitir a ideia que os alunos não têm que fazer nada para o enriquecimento do seu conhecimento, pelo contrário este tem que trabalhar em conjunto com o professor. Porém, sentimos que tem que existir cada vez mais um aproximar das gerações, ou seja, o professor tem que se adaptar às novas tecnologias e com isto potencializar as capacidades dos discentes. Claro que se torna muito mais fácil, para os professores utilizarem as novas tecnologias (recurso a Power Points, filmes entre outros) como forma de motivação do que as saídas de estudo, porque como anteriormente vimos, estas têm mais limitações. Mesmo assim, consideramos e pensamos

que existe maior ligação dos estudantes ao ensino através das actividades como as saídas de estudo, em vez de estarem numa sala de aula.

Quanto à segunda hipótese: A utilização das saídas de estudo pode ser vantajosa para a gestão do currículo? – não conseguimos ter a plena certeza através deste trabalho. No entanto, pela experiência que tivemos ao longo deste ano de estágio e também pela vivência na saída de estudo, podemos concluir que em alguns anos lectivos como em algumas disciplinas poderiam ser muito vantajosas. Em relação à Geografia e à História achamos que a segunda poderia ter muito mais a ganhar, pela simples razão dos seus extensos programas. Claro, que esta é uma questão muito antiga e muito mais complexa e que nada tem a ver com este trabalho, mas pensamos que o programa de História comporta conteúdos a mais para o tempo lectivo que lhe é atribuído. Perante isto tem que haver uma grande gestão do tempo e conteúdos, o que pode levar à opção de não leccionar determinadas unidades didácticas. Este facto pode ser colmatado através de uma saída de estudo. Com a Geografia também se pode utilizar, no entanto achamos que os problemas que referimos anteriormente não são tão frequentes nem tão graves como na História. Pensamos que no caso da Geografia pode ocorrer com mais frequência a interdisciplinaridade nas saídas de estudo. Como referimos esta hipótese só colocou-se depois da nossa experiência profissional porque até esse momento eram questões que não faziam parte das nossas dúvidas e incertezas perante o futuro.

Se na segunda hipótese temos algumas dúvidas, já na terceira não temos quaisquer dúvidas. Não podemos concluir que a saída de estudo é a estratégia mais adequada para alunos com insucesso escolar, porém temos a certeza que de entre muitas esta adapta-se perfeitamente ao perfil destes alunos. O insucesso escolar não passa somente pelo aluno, mas também pelo próprio método de ensino e sua motivação. Alunos com as características tão particulares como estes, mas que actualmente é o mais frequente de se encontrar, estão cansados e desmotivados com aulas expositivas como também com a sistemática utilização de Power Points e filmes. Falando em concreto desta turma, estes estudantes desde o primeiro período mostraram uma postura de quem não quer estar na sala de aula. E por mais tentativas que façamos para os motivar nada disso acontecia. Confessamos, que mesmo aquando da elaboração da saída de estudo tínhamos algum medo que esta não corresse bem. Depois do primeiro impacto dos alunos com o que de facto é uma saída de estudo e não a vulgarização das saídas de estudo que estavam habituados a fazer, tudo correu pelo melhor e podemos comprovar uma nova postura, não aquela que apresentavam nas aulas. Podemos ver e está comprovado nos quadros de

avaliação em anexo o aproveitamento dos alunos nesta actividade. Por isso, para nós não restam dúvidas que as saídas de estudo são uma estratégia que devia ser mais utilizada para este tipo de turmas.

Ao longo deste trabalho tentamos mostrar, e pensamos que o conseguimos, a importância das saídas de estudo como também a forma mais correcta de as realizar. Pensamos que através de tudo que aqui foi dito se torna notória a confirmação da nossa convicção. Porém, também podemos concluir que estas se tornam muito condicionadas pelos obstáculos burocráticos e logísticos, que deveria passar para segundo plano quando o interesse máximo da Escola, enquanto instituição, é o sucesso dos seus alunos. Esperamos que o futuro se altere em benefício de todos os intervenientes.

Bibliografia

- ✓ ALMEIDA, António - *Visitas de Estudo. Concepções e eficácia na aprendizagem*, Livros Horizonte, Lisboa, 1988, pp.23-128.
- ✓ ALEXANDRE, Fernando, DIOGO - *Didáctica da Geografia- Contributos para uma Educação no Ambiente*, Texto Editora, Lisboa, 3ª edição, 1990, pp. 96-103.
- ✓ BAILEY, Patrick - *Didáctica de la Geografía*, Colección de didáctica, nº 4, Editorial Cincel, Madrid, 1987, pp.22-174.
- ✓ *Cursos profissionais de nível secundário da disciplina de Geografia*, Ministério da Educação Lisboa, 2007.
- ✓ *Dicionário da Língua Portuguesa*, Novos dicionários, Editorial Notícias, Lisboa, 3ª edição, 2002, pp. 1285 e 1497.
- ✓ *Manual da Unesco para o Ensino da Geografia*, Biblioteca de Ciências Pedagógicas, Editorial Estampa, Lisboa, 1987, pp.71- 103.
- ✓ *Orientações Curriculares de Geografia, 3º ciclo*, Ministério da Educação, Lisboa, s/d.
- ✓ *Programa de História da Cultura e das Artes*, Ministério da Educação- Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular Lisboa, 2004.

Artigos

- ✓ ALVES, Luís Alberto Marques - *História e Cidadania: O Desafio do Futuro*, In Revista *O Estudo da História*, nº3, Outubro de 1998, Associação de Professores de História, Lisboa, pp.115- 124
- ✓ DUARTE, Luís Miguel - *O Rio da minha Aldeia- Virtudes pedagógicas da História Regional e local*, In Revista *O Estudo da História*, nº3, Associação de Professores de História, Lisboa, 1998, pp. 103-113.
- ✓ FERREIRA, Conceição Coelho - *A utilização do trabalho de campo no ensino da Geografia*, In Revista *Apogeu*, Lisboa, 1996, pp. 20-25.
- ✓ JÚNIOR, António Thomaz - *Trabalho de campo: O laboratório por excelência do geógrafo* In Revista *Apogeu*, Lisboa, 1997, pp. 2-8
- ✓ MATTOSO, José- *A Função da História no Mundo de Hoje*, Associação de Professores de História, Coleção Estudos/Reflexões 2, Lisboa, 1999, pp 5- 22
- ✓ RODRIGUES, Manuel ferreira- *História Local: que Local? Que História?*, (artigo policopiado cedido pelo autor)

Documentos Oficiais

- ✓ Despacho nº 28/ ME/91 de 28 de Março.
- ✓ Ministério da Educação- Direcção Regional de Educação do Norte- Ofício Circular de 11 de Março de 2004.
- ✓ Regulamento Interno da Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves, Vila Nova de Gaia.

Anexos

Nome do aluno: _____

Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves – Valadares

Áreas disciplinares:

- Geografia (Módulo B5 “As áreas urbanas”)**
- História da Cultura e das Artes (Módulo 10 “A Cultura do Espaço Virtual”)**

Saída de Estudo ao Porto, à Fundação de Serralves

11ºTT

Guião

Professoras responsáveis:

Albertina Viana

Isabel Ribeiro

Daniela Ruas

Vânia Almeida

12 de Maio de 2010

Percurso

Este guião vai acompanhar-te ao longo de toda a saída de estudo. Nele, encontras alguma informação útil sobre as temáticas abordadas na saída e algumas questões às quais deverás responder à medida que vais passando pelos diversos locais mencionados.

Boa viagem!

A saída de Valadares

De Valadares, que pertence ao concelho de Vila Nova de Gaia e à Área Metropolitana do Porto, vamos rumo à cidade do Porto.

O cais de Gaia

“Nos últimos anos a cidade [Vila Nova de Gaia] ganhou nova vida com requalificação de várias zonas, nomeadamente a zona ribeirinha (o chamado “Cais de Gaia”) (<http://www.lifecooler.com>).



a

Ilustração 1- Cais de Gaia

- Indica o nome do Programa que foi aplicado nesta área para requalificação urbanística e ambiental.

A Ribeira: um núcleo histórico de grande interesse

- A cidade do Porto tem vários centros, logo, a sua rede urbana é



Ilustração 2- Igreja de S. Francisco

Olha à tua volta. Já percebeste que te encontras num dos mais importantes núcleos históricos da cidade do Porto.

- Identifica quatro monumentos históricos que observas no Largo do Infante.

- Identifica a época histórica em que se inserem os monumentos das ilustrações 1 e 3.



Ilustração 3- Mercado Ferreira Borges

A toponímia de uma cidade diz muito sobre a sua História...

O Infante D. Henrique (Porto, 1394 – 1460), também conhecido como Infante de Sagres ou “O Navegador”, foi a mais importante figura do início da era dos Descobrimentos.



- Explica porque é que se dá o nome de “Largo do Infante” a este local.

Ilustração 4 - Infante D. Henrique

Na ilustração 5, podes observar a planta desta área da cidade do Porto.



Ilustração 5- Planta da Baixa do Porto

-Dá a tua noção de planta de uma cidade.

- Identifica o tipo de planta apresentada na ilustração 5.

- Identifica o núcleo histórico representado na ilustração 5.

- Na planta da ilustração 6, faz um círculo à volta dos dois núcleos urbanos do Porto que nela identificas.



Ilustração 6- Planta de parte da cidade do Porto – Baixa

A função residencial da cidade...

As áreas residenciais urbanas: uma forma de diferenciação social?

O bairro do Aleixo

- Indica o tipo de área residencial que estás a observar.



Ilustração 7- Bairro do Aleixo

- Refere alguns tipos de problemas urbanos que geralmente caracterizam este tipo de áreas residenciais.



Ilustração 8- Torres da Pasteleira

As Torres da Pasteleira

- Identifica o tipo de área residencial que estás a observar.

A Foz



Ilustração 9- Foz

- Caracteriza a área residencial que estás a observar.

Chegamos à Fundação de Serralves



Ilustração 10 Planta de parte da cidade do Porto – Serralves

Observa o edifício do Museu de Serralves.

- Aponta o nome do arquitecto responsável pelo museu em que te encontras.

No museu... As exposições temporárias de arte Contemporânea

Através do título das exposições, identifica o que há de comum na temática de ambas.

A exposição “À Luz da Sombra”

- Identifica os autores responsáveis por esta exposição.



Ilustração 11 Exposição
"À Luz da Sombra"

Numa das primeiras salas do museu, vês vários objectos elaborados através da técnica de “assemblage”.

- Indica a primeira corrente artística a utilizar a técnica de “assemblage”.

- Refere dois dos principais materiais utilizados na exposição “À Luz da Sombra”.

Nesta exposição, observaste em duas salas à parte, duas exposições de carácter hiper-realista.

- Identifica os temas nelas representados.

A exposição “A Matéria Negra da Luz dos Media”



Ilustração 12 Exposição
“A Matéria Negra da Luz
dos Media”

- Anota a autora responsável por esta exposição.

- Indica o objecto primordial desta exposição e que encontras em todas as salas dedicadas à mesma.

Após visitarmos as exposições...

- Regista aquela exposição que, na tua opinião, se enquadra mais na “Cultura do Espaço Virtual”.

- Menciona a exposição que mais te agradou visitar e porquê.

De volta ao autocarro...

Vamos ao Parque da Cidade!

O Parque da Cidade representa a recente necessidade que houve de criar na cidade do Porto um espaço de lazer.

- Comenta a frase anterior.

Ilustração 13 – Vista aérea do Parque da Cidade



Vamos lanchar!

De volta ao autocarro, rumo a Valadares!

A zona industrial do Porto e a função industrial da cidade



Ilustração 14- Planta de parte da cidade do Porto – Zona industrial

Na ilustração 5, tens a planta desta área da cidade do Porto.

- Identifica e localiza na planta alguns locais de comércio e/ ou lazer (por exemplo: 1 – Moviflor; 2 – Porcelanosa; 3 – Discoteca Via Rápida,).

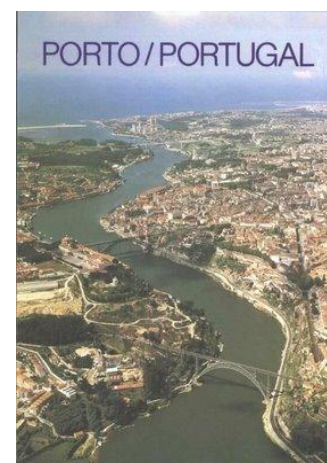
“Situada na zona industrial do Porto, uma antiga fábrica foi restaurada e inaugurada em 2002 como discoteca” – a Vogue (<http://www.lifecooler.com>).

- Comenta a transformação de antigos espaços industriais em espaços de lazer.

O regresso a Valadares: pela VCI, passamos a Ponte da Arrábida, vamos pela A1 e saímos na A44

- Diz o significado da sigla VCI.

- Qual é a importância desta via para uma cidade como o Porto?



- Para além da Ponte da Arrábida por onde vamos regressar à escola, que outras pontes conheces que fazem a ligação Porto – Gaia?

Esperamos que tenhas ficado a conhecer um pouco melhor a Geografia e a História da cidade do Porto!

Agora, terás que elaborar um **relatório** desta saída de estudo em trabalho de grupo (grupos de 3 alunos).

Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves – Valadares

Áreas disciplinares:

- Geografia (Módulo B5 “As áreas urbanas”)**
- História da Cultura e das Artes (Módulo 10 “A Cultura do Espaço Virtual”)**

Saída de Estudo ao Porto, à Fundação de Serralves

11ºTT

Correcção do Guião

12 de Maio de 2010

Professoras responsáveis:

Albertina Viana

Isabel Ribeiro

Daniela Ruas

Vânia Almeida

Percurso

Este guião vai acompanhar-te ao longo de toda a saída de estudo. Nele, encontras alguma informação útil sobre as temáticas abordadas na saída e algumas questões às quais deverás responder à medida que vais passando pelos diversos locais mencionados.

Boa viagem!

A saída de Valadares

De Valadares, que pertence ao concelho de Vila Nova de Gaia e à Área Metropolitana do Porto, vamos rumo à cidade do Porto.

Ilustração 15- Cais de Gaia



O cais de Gaia

“Nos últimos anos a cidade [Vila Nova de Gaia] ganhou nova vida com a requalificação de várias zonas, nomeadamente a zona ribeirinha (o chamado “Cais de Gaia”) (<http://www.lifecooler.com>).

- Indica o nome do Programa que foi aplicado nesta área para requalificação urbanística e ambiental.

Programa Polis

A Ribeira: um núcleo histórico de grande interesse

- A cidade do Porto tem vários centros, logo, a sua rede urbana é **policêntrica**.



Ilustração 16- Igreja de S. Francisco

Olha à tua volta. Já percebeste que te encontras num dos mais importantes núcleos históricos da cidade do Porto.

- Identifica quatro monumentos históricos que observas no Largo do Infante. **Igreja S. Francisco; Igreja S. Nicolau; Palácio da Bolsa; Mercado Ferreira Borges.**

- Identifica a época histórica em que se inserem os monumentos das ilustrações 1 e 3.

Século XIX (arquitectura do ferro).



Ilustração 17- Mercado Ferreira Borges

A toponímia de uma cidade diz muito sobre a sua História...

O Infante D. Henrique (Porto, 1394 – 1460), também conhecido como Infante de Sagres ou “O Navegador”, foi a mais importante figura do início da era dos Descobrimentos.



- Explica porque é que se dá o nome de “Largo do Infante” a este local.

Neste local encontra-se a casa onde viveu o Infante D. Henrique – Casa do Infante.

Ilustração 18 - Infante D. Henrique

Na ilustração 5, podes observar a planta desta área da cidade do Porto.



Ilustração 19- Planta da Baixa do Porto

-Dá a tua noção de planta de uma cidade.

Carta de grande escala destinada a representar as zonas urbanas, na sua totalidade ou em partes.

- Identifica o tipo de planta apresentada na ilustração 5.

Radioconcêntrica.

- Identifica o núcleo histórico representado na ilustração 5.

Da Ribeira aos Aliados.

- Na planta da ilustração 6, faz um círculo à volta dos dois núcleos urbanos do Porto que nela identificas.

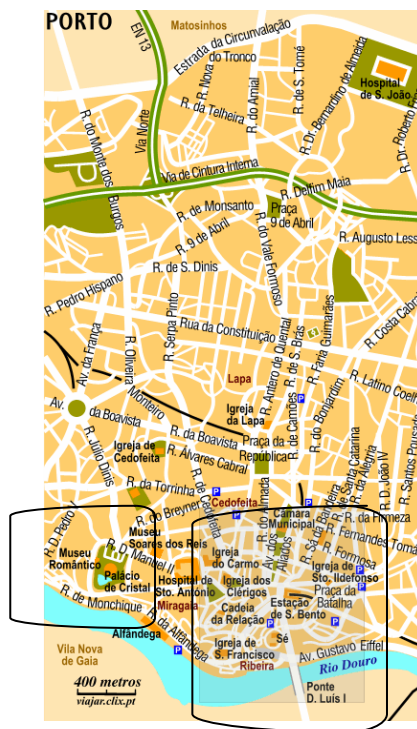


Ilustração 20- Planta de parte da cidade do Porto – Baixa

A função residencial da cidade...

As áreas residenciais urbanas: uma forma de diferenciação social?

O bairro do Aleixo

- Indica o tipo de área residencial que estás a observar.

Área residencial de classe baixa.



Ilustração 21- Bairro do Aleixo

- Refere alguns tipos de problemas urbanos que geralmente caracterizam este tipo de áreas residenciais.

Degradação ambiental, Poluição, droga entre outros.

As Torres da Pasteleira

- Identifica o tipo de área residencial que estás a observar.

Área residencial de classe média.



A Foz

- Caracteriza a área residencial que estás a observar.

Área residencial da classe mais alta. Outras observações feitas pelos alunos.

Chegamos à Fundação de Serralves



Ilustração 22 Planta de parte da cidade do Porto – Serralves

Observa o edifício do Museu de Serralves.

- Aponta o nome do arquitecto responsável pelo museu em que te encontras.

Siza Vieira

No museu... As exposições temporárias de arte Contemporânea

Através do título das exposições, identifica o que há de comum na temática de ambas.

A sombra/ o negro e a luz.

A exposição “À Luz da Sombra”

- Identifica os autores responsáveis por esta exposição.

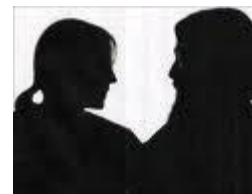


Ilustração 23 Exposição
"À Luz da Sombra"

Lourdes Castro e Manuel Zimbro.

Numa das primeiras salas do museu, vês vários objectos elaborados através da técnica de “assemblage”.

- Indica a primeira corrente artística a utilizar a técnica de “assemblage”.

Dadaísmo.

- Refere dois dos principais materiais utilizados na exposição “À Luz da Sombra”.

Lençóis/ Panos e acrílicos

Nesta exposição, observaste em duas salas à parte, duas exposições de carácter hiper-realista.

- Identifica os temas nelas representados.

Torrões de terra e sementes.

A exposição “A Matéria Negra da Luz dos Media”



Ilustração 24 Exposição
“A Matéria Negra da Luz
dos Media”

- Anota a autora responsável por esta exposição.

Dara Birnbaum

- Indica o objecto primordial desta exposição e que encontras em todas as salas dedicadas à mesma.

Tela/ televisão

Após visitarmos as exposições...

- Regista aquela exposição que, na tua opinião, se enquadra mais na “Cultura do Espaço Virtual”.

“A Matéria Negra da Luz dos Media”, de Dara Birnbaum.

- Menciona a exposição que mais te agradou visitar e porquê.

Fica ao critério da resposta dada pelo aluno.

De volta ao autocarro...

Vamos ao Parque da Cidade !

O Parque da Cidade representa a recente necessidade que houve de criar na cidade do Porto um espaço de lazer.

- Comenta a frase anterior.

Os alunos devem ter em conta na sua resposta:

- **O parque nasce a partir de uma necessidade da cidade do Porto face ao aumento urbano;**
- **Falta de espaços verdes onde os habitantes pudessem estar em contacto com a natureza e descontraír do stress das suas vidas agitadas;**
- **Posteriormente, o parque da cidade tem ganho, cada vez mais importância, sendo lugar de vários concertos ligando o Bem Estar ao divertimento;**
- **Entre outras.....**



Vamos lanchar!

De volta ao autocarro, rumo a Valadares!

A zona industrial do Porto e a função industrial da cidade

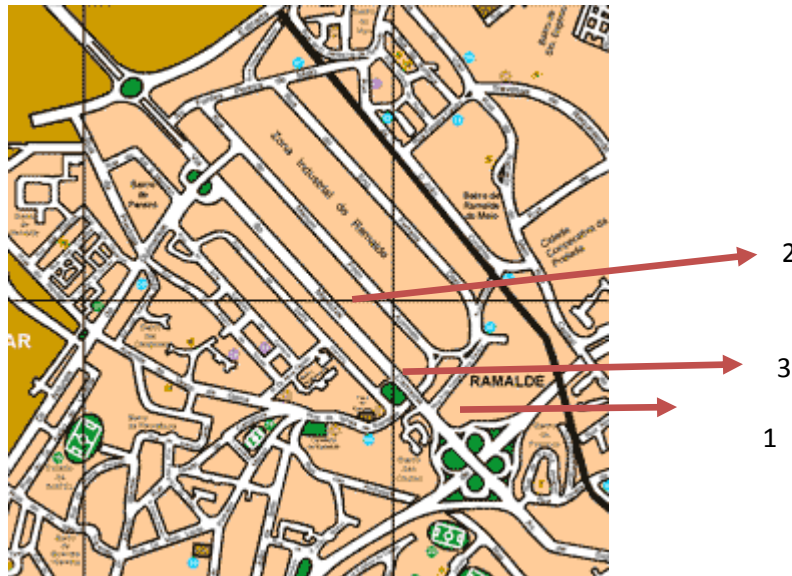


Ilustração 25- Planta de parte da cidade do Porto – Zona industrial

Na ilustração 5, tens a planta desta área da cidade do Porto.

- Identifica e localiza na planta alguns locais de comércio e/ ou lazer (por exemplo: 1 – Moviflor; 2 – Porcelanosa; 3 – Discoteca Via Rápida,).

“Situada na zona industrial do Porto, uma antiga fábrica foi restaurada e inaugurada em 2002 como discoteca” – a Vogue (<http://www.lifecooler.com>).

- Comenta a transformação de antigos espaços industriais em espaços de lazer.

O aluno deve ter em conta alguns dos seguintes parâmetros:

- Estão perante uma diferente áreas funcional saber identificar;
- Identificar o tipo de indústrias que actualmente existem;
- Explicar quais os motivos que darão origem à decadência do pólo industrial e ao surgimento do novo comércio de Lazer.

- **Explicar o papel das indústrias nas áreas onde se encontram.**

O regresso a Valadares: pela VCI, passamos a Ponte da Arrábida, vamos pela A1 e saímos na A44

- Diz o significado da sigla VCI.

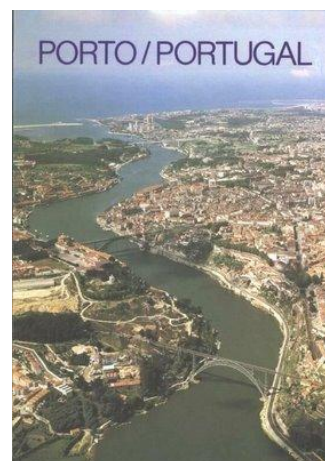
Via de Cintura Interna

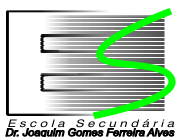
- Qual é a importância desta via para uma cidade como o Porto?

É através desta via que circula todo o trânsito para a cidade e para fora da cidade, ou seja, é uma via que circunda a cidade e “escoa” todo o trânsito da cidade e para a cidade.

- Para além da Ponte da Arrábida por onde vamos regressar à escola, que outras pontes conheces que fazem a ligação Porto – Gaia?

D. Luís I, D. Maria, Infante, S. João, Freixo





Escola Secundária Dr. Joaquim Gomes Ferreira Alves – Valadares

Áreas disciplinares:

- Geografia (Módulo B5 “As áreas urbanas”)
- História da Cultura e das Artes (Módulo 10 “A Cultura do Espaço Virtual”)

Plano da Saída de Estudo ao Porto, à Fundação de Serralves – 11ºTT

Informações aos alunos ao longo da saída...

A saída da escola está prevista para as duas horas da tarde. Por volta dessa hora, deveremos estar todos no autocarro, alunos e professoras, preparados para a viagem até Serralves, no Porto.

Antes de iniciarmos a viagem, no autocarro (ou ainda cá fora, à medida que os alunos vão entrando, por exemplo), entregamos o Guião da Saída de Estudo e, quando todos os alunos o tiverem, explicamos que vão ter de preencher algumas questões ao longo da saída: desde o percurso, à visita no museu, à volta para a escola.

A saída de Valadares – 14 horas

De Valadares, que pertence ao concelho de Vila Nova de Gaia e à Área Metropolitana do Porto, vamos rumo à cidade do Porto.

Aqui a viagem irá decorrer normalmente, até chegarmos ao cais de Gaia.

O cais de Gaia

No cais de Gaia explicamos aos alunos que, a cidade de Vila Nova de Gaia, tal como várias outras cidades portuguesas, beneficiou das intervenções do Programa Polis, programa que consiste em melhorar a qualidade de vida nas cidades através de intervenções nas vertentes urbanística e ambiental, melhorando a atractividade e competitividade de pólos urbanos que têm um papel relevante na estruturação do sistema urbano nacional. O que pretende a Câmara de Gaia é fazer com que a área do cais seja um pólo animador da cidade, já que o local em si reunia todas as condições para tal: tem o rio Douro como fundo e a Ribeira do Porto do outro lado, tinha

áreas comerciais e os grandes armazéns de vinho do Porto (actividade que se desenvolve nas duas margens do Douro desde o século XVIII e que foi originalmente iniciada pelos ingleses)¹. Só lhe faltava o lazer, daí as intervenções.

Informamos que, agora, vamos até ao outro lado do rio e entrar na cidade do Porto.

A Ribeira: um núcleo histórico de grande interesse

Quando nos encontrarmos na área da Ribeira, informamos que esta área constitui um dos centros urbanos do Porto, que vai até à parte dos Aliados, já que a rede urbana do Porto tem, actualmente, vários centros, ou seja, é policêntrica.

Depois, pedimos aos alunos que observem o local onde estão: o Largo do Infante. Informamos que este local pertence a um dos mais importantes núcleos históricos da cidade do Porto.

De seguida, informamos os alunos que esta praça foi remodelada em 2001 e identificamos os monumentos que os alunos podem observar, as respectivas épocas históricas e damos outras informações pertinentes:

- A Igreja de S. Nicolau. Foi construída no século XVII mas, após um incêndio, foi reconstruída na segunda metade do século XVIII, em estilo misto neoclássico e barroco.

- A Igreja de S. Francisco. Esta igreja é a única de arquitectura gótica na cidade do Porto e data dos inícios do século XV. Apesar de ter sofrido várias alterações ao longo dos tempos, estas não alteraram o seu cunho arquitectónico. Nos séculos XVII e XVIII, contrastando com a austeridade das linhas góticas exteriores, a igreja foi exuberantemente decorada interiormente por talha barroca dourada.

- O Palácio da Bolsa. Este edifício começou a ser construído no ano de 1842, em virtude do encerramento da Casa da Bolsa do Comércio. Com uma mistura de estilos arquitectónicos, apresenta em todo o seu esplendor, traços do estilo neoclássico oitocentista, arquitectura toscana, assim como o neopaladiano inglês. Actualmente é a sede da Associação Comercial do Porto e serve para os mais diversos eventos culturais, sociais e políticos da cidade.

- O Mercado Ferreira Borges. Este mercado, tal como a Ponte D. Luís I, foi construído nos finais século XIX e o seu estilo é a Arquitectura do Ferro (sendo neste momento um dos raros edifícios que obedece a esse período da arquitectura europeia). O nome do mercado homenageia José Ferreira Borges, um jurisconsulto e político portuense que esteve na génese da implantação do regime liberal em Portugal, em 1820.

¹ Na sequência da criação da Região Demarcada do Douro, ao tempo do Marquês de Pombal, que tornou a produção de vinho num dos pontos de referência da exportação nacional, sobretudo para Inglaterra.

Em relação ao nome da praça: “Largo do Infante” (D. Henrique). Aqui, informamos os alunos que a toponímia de uma cidade diz muito sobre a sua História. Neste caso, é neste largo que se encontra a “Casa do Infante”, ou seja, a casa onde viveu o Infante D. Henrique, a mais importante figura do início da era dos Descobrimentos, já que foi o seu mentor, organizador e financiador (através da Ordem de Avis). A Casa do Infante é o edifício da real “Alfândega Velha”, situado na confluência das ruas Infante D. Henrique e Alfândega Velha.

Depois, informamos os alunos que aos mapas das cidades se chamam plantas e que estas são, geralmente, de grande escala, pois representam uma pequena área que pode ser toda a cidade ou apenas um bairro ou uma parte dela.

Dizemos que esta parte da cidade tem uma planta radiocêntrica, pois tem características claramente medievais em que várias vias divergem de um centro e são ligadas entre elas por artérias concêntricas, rodeadas por muralhas. Neste caso, o centro era a Sé, na Idade Média e as muralhas, muito mais extensas do que hoje, eram as Muralhas Fernandinas, de que hoje existem apenas poucos vestígios, sobretudo junto à Ponte de D. Luís.

Concluimos dizendo que, como podemos ver, a própria Geografia nos diz muito da própria História da cidade e uma das coisas que constatamos é que hoje não faz sentido falarmos de um centro do Porto (só se falarmos em “Centro Histórico”) porque há outros, como a Boavista, que se foram expandindo a partir daquele núcleo principal que, aliás, ele próprio se expandiu.

A função residencial da cidade...

Dizemos aos alunos que, muitas vezes, a própria função residencial da cidade e a forma como está distribuída no espaço urbano, pode ser um factor de diferenciação social e que eles poderão ter essa noção se prestarem atenção ao tipo de espaços residenciais que vão observando até chegarem a Serralves: o bairro do Aleixo é uma área da classe baixa e é um local com vários problemas, especialmente sociais, dos quais eles falaram nas aulas. As Torres da Pasteleira já são locais de habitações da classe média e a Foz, claro, da classe alta, constituindo um local privilegiado a vários níveis, como podem observar. A distinção está na altura das construções, na qualidade dos materiais, na simplicidade ou complexidade dos projectos e na envolvência, ou seja, na existência ou não de espaços verdes (jardins particulares, parques, etc).

Chegamos à Fundação de Serralves

Antes de sairmos do autocarro ou na altura em que estivermos na parte exterior da Fundação, pedimos a atenção dos alunos e informamos que o edifício que vamos visitar, ou seja, o edifício do museu de Serralves, se enquadra na arte Contemporânea e foi realizado pelo arquitecto Siza Vieira, um dos grandes arquitectos do nosso país.

A seguir, pedimos aos alunos que se portem devidamente, pois vão visitar um museu e dizemos que terão oportunidade de ver duas exposições. Pedimos que vejam bem o que têm que responder no guião para depois não haver dúvidas!

No museu, por princípio, temos uma visita guiada, ou seja, quem fará as explicações aos alunos será um guia do próprio museu. **(16:10h)**

Após visitarmos as exposições...

Damos algum tempo aos alunos para que escrevam o que mais gostaram na exposição e a outra questão do guião e, se der tempo e quiserem, vamos visitar a loja da Fundação.

Depois, voltamos ao autocarro, rumo a Valadares.

De volta ao autocarro...

Vamos ao Parque da Cidade descansar!

Quando chegarmos ao Parque da Cidade, dizemos aos alunos que vamos parar um pouco para lanchar e para que eles façam as questões do guião relativas àquela área. Informamos que o Parque foi criado recentemente porque o Porto não tinha um espaço verde onde as pessoas da cidade pudessem descontraír e contactar com a Natureza. A sua construção terminou em 2002 e este parque é, hoje, o maior espaço urbano do país.

Vamos lanchar!

De volta ao autocarro, rumo a Valadares!

A zona industrial do Porto e a função industrial da cidade

Quando chegarmos á zona industrial do Porto, informamos os alunos de que nos encontramos numa área da cidade com uma função diferente das que vimos anteriormente: a função industrial.

Pedimos que observem bem o tipo de indústrias e espaços de comércio e lazer da área; e que reparem que algumas discotecas do Porto se localizam precisamente naquela área e ocupam grandes armazéns e, muitos deles, eram antigas fábricas que foram transformadas em amplos espaços para alugar, dando origem, agora, não a indústrias mas a espaços culturais e de lazer. Um exemplo disso é a discoteca Vogue ou a Indústria. Este fenómeno demonstra a decadência do pólo industrial e a desertificação do espaço habitacional – as discotecas são espaços específicos de lazer, com interesse económico pontual.

Pedimos que façam as questões do guião.

O regresso a Valadares: pela VCI, passamos a Ponte da Arrábida, vamos pela A1 e saímos na A44

Antes de terminarmos as informações, dizemos aos alunos que vamos regressar à escola e que, para tal, tomaremos a Via de Cintura Interna, seguimos pela Ponte da Arrábida pela A1 e na A44 saímos em Valadares.

A chegada prevista à escola está marcada para as 18:30h. Antes de chegarmos, recolhemos os guiões dos alunos, devidamente identificados, para levarmos para avaliação. Depois, informamos os alunos que deverão elaborar um relatório para entregar até ao dia 16 (domingo), no máximo, em grupos de três alunos e pedimos que façam já os grupos e os digam. Anotamos os grupos numa folha. Informamos que deverão enviar os relatórios para o mail da professora Daniela, que está no fim do guião.

Quando chegarmos, saímos do autocarro e vamos embora. A saída de estudo termina à chegada à escola.

Grelhas de avaliação dos resultados

Legenda:

	Resposta certa
	Resposta incompleta
	Resposta errada

Alunos	Cais de Gaia	Ribeira							
	Pergunta 1	Pergunta 2	Pergunta 3	Pergunta 4	Pergunta 5	Pergunta 6	Pergunta 7	Pergunta 8	Pergunta 9
nº1	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta certa	
nº2	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	
nº3	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	
nº4	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta errada	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta incompleta	
nº5	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa				Resposta incompleta	
nº6	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta errada		Resposta certa	Resposta certa	
nº7	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta errada	Resposta errada	Resposta certa	Resposta certa	
nº8	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta errada	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	
nº9	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa		Resposta certa	Resposta certa	
nº10	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	
nº11	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta errada	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	
nº12	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta certa	
nº13	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta		Resposta certa	Resposta certa	
nº14	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta errada	Resposta certa	Resposta certa	
nº15	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta errada	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	
nº16	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta incompleta		Resposta incompleta	Resposta certa	Resposta certa	
nº17	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	Resposta errada	Resposta certa	Resposta certa	Resposta certa	



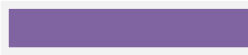
Alunos	<u>Bairro do Aleixo</u>		<u>Torres da Pasteleira</u>	<u>Foz</u>	<u>Fundação Serralves</u>		<u>Exposição a luz da sombra</u>		
	Pergunta 10	Pergunta 11	Pergunta 12	Pergunta 13	Pergunta 14	Pergunta 15	Pergunta 16	Pergunta 17	Pergunta 18
nº1									
nº2									
nº3									
nº4									
nº5									
nº6									
nº7									
nº8									
nº9									
nº10									
nº11									
nº12									
nº13									
nº14									
nº15									
nº16									
nº17									

Alunos	<u>Exposição</u> <u>“ À Luz</u> <u>da</u> <u>Sombra”</u>	<u>Exposição “ A matéria negra da</u> <u>luz dos Media”</u>				<u>Parque</u> <u>da</u> <u>cidade</u>	<u>Zona Industrial</u>		<u>Regresso</u>		
	Pergunta 20.	Pergunta 21.	Pergunta 22.	Pergunta 23.	Pergunta 24.	Pergunta 25.	Pergunta 26.	Pergunta 27.	Pergunta 28.	Pergunta 29.	Pergunta 30.
Nº 1	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	Yellow	Green	Yellow	Green
Nº 2	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Red	Red	Green	Green	Green
Nº 3	Green	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Red	Red	Green	Green	Green
Nº 4	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	Yellow	Green	Yellow	Green
Nº 5	Yellow	Green	White	White	White	White	White	White	Green	White	Green
Nº 6	Green	Green	Green	Green	Green	White	White	White	Green	White	Green
Nº 7	Red	Green	White	White	Red	Yellow	White	Yellow	Green	Red	Green
Nº 8	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	Yellow	Green	Yellow	Green
Nº 9	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	White	Green	Red	Green
Nº 10	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Red	Red	Green	Green	Green
Nº 11	White	White	White	White	White	White	White	White	White	White	White
Nº 12	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	Yellow	Green	Yellow	Green
Nº 13	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	Yellow	Green	Yellow	Green
Nº 14	Red	Green	Green	Green	Yellow	Yellow	Yellow	Yellow	Green	Yellow	Green
Nº 15	Green	Green	Green	Green	Green	Red	White	Yellow	Green	Red	Green
Nº 16	Green	Green	White	White	Yellow	Yellow	White	Yellow	Green	White	Green
Nº 17	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	White	Yellow	Green	Yellow	Green

Parâmetros da Avaliação dos relatórios da saída de Estudo

Alunos	Expressão escrita	Utilização de Conteúdos temáticos	Tratamento da Informação	Utilização de Imagens	Apresentação e estrutura do trabalho	Criatividade e originalidade
Nº 1	Razoável	Razoável	Suficiente	Bom	Razoável	Razoável
Nº2						
Nº 3						
Nº4	Razoável	Razoável	Suficiente	Razoável	Razoável	Suficiente
Nº5						
Nº6	Razoável	Razoável	Suficiente	Razoável	Razoável	Suficiente
Nº7	Razoável	Razoável	Razoável	Suficiente	Suficiente	Suficiente
Nº8						
Nº9						
Nº10						
Nº11	Razoável	Razoável	Razoável	Suficiente	Suficiente	Suficiente
Nº12	Razoável	Razoável	Suficiente	Bom	Razoável	Razoável
Nº13	Bom	Razoável	Razoável	Bom	Bom	Bom
Nº14						
Nº15	Razoável	Razoável	Razoável	Suficiente	Suficiente	Suficiente
Nª16						
Nº17	Razoável	Razoável	Suficiente	Razoável	Razoável	Suficiente

Legenda:

Bom	
Razoável	
Suficiente	

Grelhas de Avaliação para utilizar ao longo da Saída de estudo

Folha de Presenças

Alunos	Presente	Faltou/ Não presente
Nº 1	X	
Nº2	X	
Nº 3	X	
Nº4	X	
Nº5	X	
Nº6	X	
Nº7	X	
Nº8	X	
Nº9	X	
Nº10	X	
Nº11	X	
Nº12	X	
Nº13	X	
Nº14	X	
Nº15	X	
Nº16	X	
Nº17	x	

Grelha de avaliação dos alunos ao longo da saída de estudo

Parâmetros de Avaliação Alunos	Pontualidade	Interesse/ Empenho	Comunicabilidade	Cooperação (com colegas e professoras)	Avaliação global
Nº 1	+	+/-	+/-	+	+
Nº2	+	+/-	0	+	+
Nº 3	+	-	-	+	+/-
Nº4	-	+/-	+/-	+	+/-
Nº5	+	+/-	+/-	+	+/-
Nº6	-	0	-	+	+/-
Nº7	+	+	+	+	+
Nº8	+	+	+	+	+
Nº9	+	+/-	+/-	+	+
Nº10	+	+/-	-	+	+/-
Nº11	+	-	-	-	-
Nº12	+	+/-	0	+	+/-
Nº13	+	+/-	+/-	+	+
Nº14	+	+	+	+	+
Nº15	+	0	0	+/-	-
Nº16	+	+/-	+/-	+	+/-
Nº17	+	+/-	0	+	+
Totais	17 + 2 -	10 +/- 1 - 2 0 3 +	6 +/- 4 0 4 -	15 + 1 +/- 1 -	8 + 2 - 7 +/-

Legenda:

+	Manifestação positiva
+/-	Manifestação razoável
-	Manifestação negativa
0	Nenhuma manifestação

Identificação dos grupos de alunos por cada relatório a apresentar

Número do Grupo	Alunos
1	Aluno nº 5
2	Alunos nº 4, 6, 17
3	Alunos nº 11 e 15
4	Alunos nº 1 e 12
5	Alunos nº 9, 13, 16
6	Alunos nº 2, 3, 10

SAÍDA DE ESTUDO

No dia 12 de Maio de 2010 vai realizar-se uma visita de estudo de Geografia e História.

Locais a visitar: Fundação de Serralves

Itinerário: Valadares – Porto (Serralves) – Valadares

Saída da escola às 14 horas; chegada prevista às 18 horas.

Meio de transporte a utilizar: autocarro

Professores participantes:

Isabel Ribeiro

Albertina Viana

Vânia Almeida

Daniela Ruas

O(s) professor(es) responsável(eis)

___/___/___

AUTORIZAÇÃO

Tomei conhecimento da visita de estudo a realizar no dia ___/___/___ e autorizo o meu educando

_____, aluno nº_____, da turma _____, do _____º ano a participar.

O Encarregado de Educação

___/___/___